Campus Universitário de Almada

Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

Juliana Granado Ribeiro Nº54031

Alteridade e Migração – Estudo de caso de uma estudante brasileira

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Orientador**:** Professora Doutora Sandra Roberto

Almada, 2022

Campus Universitário de Almada

Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

Juliana Granado Ribeiro Nº54031

Alteridade e Migração – Estudo de caso de uma estudante brasileira

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde (2º ciclo de estudos) ao abrigo do Aviso n. º 7255/2015 de 30 de junho de 2015

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Orientador: Professora Doutora Sandra Roberto

Almada, 2022

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

O presente trabalho foi realizado por Juliana Granado Ribeiro do Ciclo de Estudos de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, no ano letivo de 2021/2022.

O seu autor declara que:

(i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho do seu autor.

(ii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.

(iii) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.

(iv) Foi tomado conhecimento de que a versão digital este trabalho poderá ficar disponível para consulta no Instituto Piaget e que os seus exemplares serão enviados para entidades competentes e prevista na legislação.

30 de novembro de 2022

Assinatura do autor

Juliana Granado Ribeiro

Agradecimentos

A minha orientadora, Professora Doutora Sandra Roberto pelo auxílio.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e por sempre me darem força para ultrapassar os obstáculos. Por acreditarem e torcerem por mim em tempos que eu não acreditava. Por imigrarem e me permitirem saber que existem vários mundos e que se eu acreditar posso conhecê-los.

A minha irmã, por acreditar em mim e na minha capacidade, por todo auxílio, momentos de descontração e amor.

Aos meus avós, mesmo de longe se fizeram presentes nesse processo, por acreditarem e torcerem pela minha vitória.

A minha família, por serem meu suporte, minha motivação e minha segurança em todos os tempos.

Às amizades ao longo do caminho, que me permitiram crescer e promoveram encontros com a alteridade e a todos os outros que me constituíram e que ainda irão me constituir.

Resumo

Na história da humanidade, o ser humano sempre migrou e teve o desejo de buscar novas possibilidades para potenciar o seu desenvolvimento.

Desde a chegada do ser humano ao mundo, existe uma necessidade da figura do outro e o contacto com outro indivíduo além de colocá-lo em contacto com a alteridade coloca também em contacto com algo familiar.

Este estudo pretende explorar as relações de alteridade em estudantes brasileiros em Portugal averiguando quais os processos de adaptação através de uma entrevista aberta, aplicação do Teste de Apercepção Temática (TAT) e da aplicação do Rorschach.

Palavras-Chave: alteridade, imigração, ensino superior.

Abstrat

In the history of humanity, human beings have always migrated and have had the desire to seek new possibilities to enhance their development.

Since the arrival of human beings in the world, there has been a need for the figure of the other and the contact with another individual, in addition to putting him in contact with alterity, also puts him in contact with something familiar.

This study intends to explore the relations of alterity in brazilian students in Portugal, investigating the adaptation processes through an open interview, application of the Thematic Apperception Test (TAT) and the application of the Rorschach.

Keywords: alterity, immigration; university education.

´

Índice

Introdução 8

1-Ensino Superior 10

2-Adaptação 11

3-Racismo 12

4-A Alteridade e o Estrangeiro 14

5-Objetivos do Estudo 22

5.2-Objetivo Específicos 22

6-Metodologia 23

6.1-Tipo de Estudo 23

6.2-Participantes 23

7-Instrumentos Clínicos 23

7.1-Entrevista Aberta 23

7.2-Teste de Rorschach 23

7.3-Procedimentos de Recolhas de Dados 25

7.4-Teste de TAT 26

7.5-Procedimentos de Recolhas de Dados 27

8-TAT 28

8.1-Análise e Discussão dos Resultados 34

9-Protocolo de Rorschach 37

9.1-Psicograma 41

9.2-Análise Cartões 42

10-Análise e Discussão dos Resultados 45

11-Conclusões 52

12-Referências Bibliográficas 53

ANEXOS 59

Introdução

A globalização atualmente gera mudanças a nível tecnológico, económico e cultural e tem como principal resposta a mobilidade e afeta diretamente o setor universitário pela crescente internacionalização das universidades. Essa internacionalização permite uma maior partilha dos conhecimentos e influência a competição no mundo globalizado e está em continua expansão e permite uma mobilidade entre as fronteiras e a movimentação dos estudantes (Ryan, 2013; Teichler, 2004).

A razão da mobilidade pode contemplar a existência de um currículo específico, um programa de cooperação a busca por mobilidade de estudantes como também a oferta de serviços de caráter académico exclusivos. Além dessas razões, pode ser considerada também como uma fase de adaptação que as universidades estão a passar como resposta a globalização (Albino, 2009).

A internacionalização do ensino superior tem como base a diversidade curricular e o multiculturalismo, por um lado as universidades buscam aumentar o seu prestígio e sustentabilidade e por outro os estudantes busca uma melhora na qualidade de vida e a procura por diferenciação para a entrada no mercado de trabalho (Alves, 2013).

A mobilidade geográfica de indivíduos acontece por variadas razões, de caráter voluntário ou forçado, por uma busca de experiências desafiadoras e com mais oportunidades ou forçada por motivos amaçadores, geradores de stress e sofrimento físico ou a procura de uma melhora de vida (Silva, 2013).

A globalização afeta várias facetas da sociedade, da mesma maneira em que o a internacionalização do ensino superior, possui reações em várias esferas da sociedade. Com a internacionalização do ensino superior, a imigração traz consigo alguns problemas como o imigrante e a sociedade que o acolhe. Um dos processos mais importantes na vida do estudante internacional é integração na sociedade (Caetano, 2020).

Estudante deslocado por definição é aquele que, face à distância entre a localidade onde reside e a localidade onde frequenta o curso, necessita de residir nessa localidade para poder frequentar as atividades curriculares. Esta condição depende sempre da inexistência permanente ou sazonal de transportes públicos entre as duas localidades ou incompatibilidade de horários. Os estudantes internacionais enfrentam desafios com a adaptação a nova realidade sendo assim fundamental compreender os desafios que o mesmo enfrenta e quais as

necessidades que o indivíduo possui. Além disso é necessário entender os fenómenos que os estudantes internacionais podem sofrer como por exemplo a exclusão a saudade de casa e o racismo. A integração do indivíduo está relacionada as suas características individuais, as suas aspirações e também as suas predisposições para ser integrado na nova sociedade e do outro lado, a sociedade que o indivíduo será inserido, o seu funcionamento, o seu conceito de integração social e de representação social (Caetano, 2020).

Segundo Wachelke e Camargo (2007), as representações permitem os indivíduos se integrarem e classificam os acontecimentos de vida segundo o grupo que pertencem e influenciam o seu bem-estar afetando assim outros aspetos da vida do indivíduo.

Uma das situações comuns que podem ser enfrentadas por estudantes internacionais são situações de preconceito e racismo. O Preconceito pode ser definido como um comportamento contra o indivíduo pelo mesmo pertencer a um grupo considerado socialmente desvalorizado como por exemplo em função a características físicas. Um comportamento que pode ser sentido ou expresso, dirigido a um indivíduo ou grupo por o mesmo pertencer a um grupo específico ou possuir características específicas. Ao contrário do preconceito, o racismo é considerado um processo de hierarquização, de exclusão e discriminação contra um grupo social ou um indivíduo com base em uma característica física em que foi lhe atribuído um significado cultura que implica na perceção do indivíduo (Lima & Vela, 2004).

1-Ensino Superior

Os organismos dos indivíduos quando são confrontados com acontecimentos de vida reagem de maneira a buscar ajustar-se a eles, um fenómeno denominado como coping (Costa & Leal, 2006).

O ingresso no Ensino Superior é visto pela maioria dos estudantes como uma etapa plena de desafios em variadas áreas, juntamente com a possibilidade de novas amizades, projetos, relacionamentos e oportunidades de experimentação (Costa & Leal, 2006). Além disso, é visto também como um dos maiores desafios nos sistemas educativos uma vez que a busca por qualidade pedagógica e científica é alta (Tavares et al., 1996 citado por Ferraz& Pereira, 2002). O espaço do Ensino Superior é diferenciado, uma vez que possui à suas próprias regras institucionais – oficiais e oficiosas -, com tarefas académicas que irão exigir capacidades e competências mais elevadas, assim como nos níveis de autonomia e organização (Costa & Leal, 2006). O ingresso no Ensino Superior também é marcado por necessidade de adaptação a um conjunto de mudanças estruturais e funcionais uma vez que o estudante entra numa fase que exige maior autonomia e independência. Coloca em evidencia os problemas dos estudantes, que podem contribuir para o desenvolvimento de fortes laços com os níveis altos de stress e ansiedade, um problema extremamente comum nesta etapa da vida do indivíduo (Ferraz& Pereira, 2002). Nesta etapa também a família e os pares são fundamentais principalmente se se acresce uma mudança no local de habitação pode causar um aumento na vulnerabilidade do indivíduo (Costa & Leal, 2006; Girardi & Martins-Borges, 2017).

A imigração em Portugal não é considerada um fenómeno recente, mas considera-se que o marco para os estudantes deslocados foi na década de 1990, com as populações regressadas das ex-colónias portuguesas e mais tarde com os provenientes do Leste Europeu (Casa-Nova, 2005 citado por Chintoan-Uta, 2014). A este acontecimento, acresce-se o aumento dos estudantes deslocados que também se deslocam de seus países para outro território com o objetivo de estudar, a mobilidade espacial tem em si um caráter de desapego e criatividade, onde se é reavaliada a trajetória a estabilidade é posta em causa e novos caminhos são escolhidos, na qual grande parte destes motivos estão relacionados a motivos profissionais, educacionais e razões de segurança (Chintoan-Uta, 2014).

Um dos maiores desafios enfrentados é a integração do estudante deslocado na unidade de ensino para qual se desloca, e para qual se considera fundamental que exista uma relação cuidada e cuidadora, que o acolhe e que deve ter em consideração a necessidade de adaptação,

às modificações de normas, comportamentos e valores com esta sociedade (Chintoan-Uta, 2014).

Nesta etapa o estudante deslocado pode estar propício a desenvolver como já referido ansiedade e stress, em primeiro lugar os problemas pessoais como a saudade de casa (*homesickness*) são evidenciados uma vez que o estudante deslocado está afastado do seu referencial cultural de origem, encontra-se também em uma posição de vulnerabilidade o que faz com que seja comum o aparecimento de questionamentos referentes a identidade, fazendo com que a nova realidade que o estudante deslocado se encontra necessite ser ressignificada, isto pode gerar impactos psicológicos, ou mesmo manifestações de sofrimento psíquico, como ansiedade, insónia, dificuldade de concentração entre outros (Ferraz& Pereira, 2002; Girardi & Martins-Borges, 2017). Estas queixas estão extremamente ligadas à fatores socioeconómicos, rede de apoio e das características pessoais do indivíduo (Martins-Borges, 2013 citado por Girardi & Martins-Borges, 2017).

Este cenário irá exigir que o estudante deslocado altere o seu padrão de comportamento, seus níveis dos papéis sociais, da sua rotina e dos seus relacionamentos interpessoais. Principalmente no primeiro ano, que é um período de extrema importância para o estudante, uma vez que a qualidade da experiência pode ser muitas vezes, condicionante para a permanência do estudante no ensino superior, ou para o sucesso académico. Quando a saudade de casa é muito intensa a adaptação do indivíduo a sua nova realidade pode ficar comprometida e pode acarretar consequências na saúde física e mental do indivíduo e uma afetação direta no seu desempenho no ensino superior (Silva, 2013).

2-Adaptação

No geral, a frequência do Ensino Superior é vista como uma fase que provoca bastantes mudanças nos estudantes, sendo considerado até um período ameaçador, que provoca ansiedade e stress (Costa & Leal, 2008; Granado et al., 2005; Santos & Almeida, 1999; Schleich, Polydoro & Santos, 2006). Existe um alargado conjunto de desafios que estão presentes nesta fase e que tem maior ou menor impacto na vida dos estudantes universitários e no seu desenvolvimento pessoal e social. Nesta fase ocorrem mudanças a nível pessoal, cognitivo, profissional, afetivo e também a nível social (Schleich et al., 2006).

De todas as transições que acontecem no percurso académico, a transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior é considerada a mais importante, pois exige por parte dos alunos uma flexibilidade enorme para que o ajustamento a nova exigência seja conseguido.

Este processo é assumido, em grande parte da literatura, como sendo um processo complexo e multidimensional, uma vez que envolve fatores de natureza intra e interpessoal, assim como de natureza contextual e curricular (Almeida & Nogueira, 2002; Igue, Bariani & Milanesi, 2008).

A transição para o ensino superior é uma das mudanças mais significativas na vida do indivíduo, os estudantes provenientes de Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP) em particular enfrentam novas vivências sociais, aa concretização de um sonho mas que não é isenta de desafios, como o afastamento da família e amigos trazendo a necessidade assim de estabelecer e criar um novo suporte social para que assim ocorra uma boa adaptação é fundamental existir o relacionamento interpessoal (Diniz 2001; Semedo, 2010; Tinto, 2006).

As experiências que os estudantes experienciam podem ser tanto positivas quanto negativas, devido as diferenças culturais, valores e costumes dos países de origem e ainda poder vivencias manifestações de racismo no quotidiano do ensino superior (Semedo, 2010).

3-Racismo

O termo racismo é frequentemente associado a sinônimos como preconceito, estereotipo e discriminação. O termo sugere implicitamente um conjunto de princípios básicos psicossociais subjacentes às psicologias dos indivíduos aplicadas ao contexto racial. O contexto racial não é sempre tratado como distinto nas pesquisas psicossociais de maneira que as consequências psicológicas e antecedentes para o racismo são extrapolados de minoria *versus* maioria, diferença entre status, subordinados contra os dominantes e os que estão fora do grupo contra aqueles que pertencem ao grupo na procura de paradigmas. Como referido anteriormente o racismo é considerado um processo de hierarquização, de exclusão e discriminação contra um grupo social ou um indivíduo com base em uma característica física em que foi lhe atribuído um significado cultura que implica na perceção do indivíduo (Lima & Vela, 2004; Salter, Adams & Perez, 2018).

Além disso o racismo constitui-se no processo de hierarquização e discriminação contra um indivíduo ou um grupo que é considerado diferente tendo como base alguma característica física real ou imaginária. (Santos, 2018).

Convencionalmente o entendimento em relação a esse construto tendem deslocar a justificativa do comportamento para a força motriz nas atitudes, comportamentos e crenças dos indivíduos preconceituosos de maneira em que o ocidente penda tanto na conceção popular

quanto em algumas áreas da psicologia em colocar o racismo como um nível individual enquanto fenômeno (Salter, Adams & Perez, 2018).

Entretanto quando existem muitas limitações quanto o mesmo é explicado como exclusivamente enraizado nas mentes indivíduas e permite então espaço para o desenvolvimento de outros estudos que tentam explicá-lo como além do indivíduo sendo igualmente desafiador. O racismo não pode simplesmente ser considerado um problema do passado ou uma herança do passado, críticos dentro da psicologia o referem que esta individualização do racismo como preconceito carregam problemas significativos, onde o racismo é colocado como uma questão que se desloucou para a clandestinidade, mas que mantem suas evidências, mas de maneiras mais sutis e escondidas (Adams & Perez, 2018; Benedito e Fernandes, 2020).

Segundo Lima e Vala (2004), o racismo engloba esferas individuais institucionais e culturais além de englobar também os processos de discriminações e exclusões sociais. Vicente (2019) afirma que a estruturação do racismo tem como objetivo reduzir, inferiorizar e descredibilizaras esferas sociais, econômicas, políticas e culturais das estruturas de determinados grupos com o objetivo da separação dele.

Ao que se refere à discussão racial, existem momentos marcantes dentro da Psicologia, o racismo atua como uma forma de dominação, onde existe um grupo dominante e um grupo considerado inferior que é dominado pelo primeiro.

Existem alguns modelos clássicos que começaram a gerar hipóteses como a de Adorno (1950) que refere aos efeitos decorrentes dos posicionamentos ideológicos individuais, já o Rockeeach (1960), realiza a associação do racismo com o etnocentrismo a diferenças individuais no que diz respeito às diferenças individuais na tolerância da diferença entre crenças e valores dos diferentes grupos (citado por Vala, Lopes, Lima & Brito, 2002).

Allport (1954), realizou uma análise interindividual, onde ela sustenta a hipótese de que o contacto interpessoal entre os diferentes membros de diversas áreas sociais em algumas situações pode contribuir para o desenvolvimento do preconceito.

A Psicanálise como modelo teórico possui uma vertente do autor René Kaës, que considera o indivíduo como indivíduo do grupo, sendo o mesmo constituído de vínculos intersubjetivos, propõe que o limite intrapsíquico entre o inconsciente e o consciente e o limite Inter psíquico entre o sujeito e não sujeito necessitaria de uma articulação uma vez que à

medida que esses dois polos de cruzam fora e dentro de cada indivíduo e refere também que a textura psíquica da intersubjetividade seria a condição do inconsciente do indivíduo e para existir o enfrentamento dessa situação implicaria em uma construção de novos conceitos. As alianças inconscientes reúnem acordos inconscientes que seriam estabelecidos entre os indivíduos e sustentam assim a vida psíquica pertencendo ao vínculo existente do indivíduo com o grupo. Baseado nisso, o racismo seria a expressão de uma aliança inconsciente que tem como finalidade de disseminar a ideia de um grupo dominar o outo de maneira que ele é considerado inferior. Para transformar essa realidade, é necessária uma transformação na maneira de agir, pensa e de maneira a mudar as conceções rompendo com a cultura da inferiorização intelectual e física referente aos negros (Benedito & Fernandes, 2020).

As alianças inconscientes sustentam a vida psíquica, não pertencem ao indivíduo ou ao grupo que está inserido, mas com o vínculo existente entre ambos. Este vínculo sustenta o psiquismo dos membros integrantes do grupo e permitem assim o processo de transmissão. O que sugere uma hipótese de que o racismo nada mais é o que a expressão de uma aliança inconsciente que tem como objetivo perpetuar a dominação de um grupo sobre o outra para que dessa maneira eles estejam no comando e o outro grupo seja considerado inferior. E no seguimento dessa hipótese, o racismo seria uma expressão da aliança inconsciente que é transmitida intergeracional mente e que são validadas nos vínculos que os grupos estabelecem (Benedito & Fernandes, 2020).

O racismo inferioriza o negro de maneira geral a ponto de não permitir que o mesmo desfrute dos seus direitos e de desenvolver as suas potencialidades, e trazem consigo também a possibilidade de causar eventos traumáticos que poderão afetar o funcionamento do indivíduo (Benedito & Fernandes, 2020).

4-A Alteridade e o Estrangeiro

Na história da humanidade, o ser humano sempre migrou e teve o desejo de buscar novas possibilidades para potenciar o seu desenvolvimento. Segundo Intelisano (2010) referido por Sousa & Silva (2018), “estrangeiro” significa aquilo que é de fora, o que não pertence à família, sendo assim, desconhecido. O estrangeiro assim causa um estranhamento ao conviver com pessoas com diferentes formas de ser, sendo através de traços distintos, língua, valores e outros de maneira em que muitas vezes, sua presença pode causar um desconforto naqueles que vivem no local.

Bauman (2013) Refere que cada estranho é considerado um perigo ou pelo menos existe uma crença que sim. O desconhecido e diferente suscitam sentimentos de insegurança e desconforto, mesmo que não existam manifestações abertas de violência, a sua presença sempre causa esse desconforto (Bauman, 2013).

Bauman (2007) ainda afirma que o estrangeiro, principalmente o refugiado e o imigrante e nesse contexto iremos usar o imigrante torna-se a materialização do outro, que é diferente e estranho. Esse estrangeiro passa então estar em lugares que percorrem diariamente, a não permitir o evitamento e como efeito desses movimentos migratórios, uma das expressões é a xenofobia e o preconceito onde considera como um rancor aos estranhos numa tentativa desesperada de manter uma noção de comunidade local impermeável para assim não afetar os laços já existentes.

Devido a exposição as influências externas, torna-se mais difícil de ser possível conservar as identidades culturais ou até impedir que sejam enfraquecidas com o tempo e afeta a subjetividade diretamente, quando o eu é uma inclusão que possui a tendência de identificar-se com o mundo, mas quando o mundo é demarcado com fluxo e força é necessário encontrar ou reencontrar um máximo de conexões (Sousa & Silva, 2018). Bauman (2009) refere alguns modos de relação com o outro com três metáforas, a primeira refere-se as soluções antropofágicas e antropoémicas, onde na primeira o estrangeiro seria devorado pela cultura dominante do país. Nesse processo existe uma assimilação, onde o que interessa é tido em conta e o que não, é descardo, já a segunda, antropoémica, existe a expulsão do estrangeiro do então poder de estão. Já a segunda metáfora refere aos comportamentos frente a necessidade de relação com o outro, onde são encontrados um medo ao diferente chamado mixofobia, que esta relacionada com o afastamento do outro e a mixofilia uma amizade e aproximação a diferença. Na última metáfora, Bauman (2009) refere a física pata referir as relações humanos, refere que na relação com o outro, os indivíduos entregam duas forças, uma centrípeda (voltada para dentro) e a outra centrifuga (voltada para fora).

Os fluxos culturais entre as nações exigem o desenvolvimento de estratégias de convivência, capacidade de realizar trocas com o outro onde a construção do outro em sua singularidade e em sua subjetividade potencializam a saída do estrangeiro da posição de estranheza sendo necessário olhar para o conceito de alteridade para a compreensão da figura do outro. O nascimento do conceito de alteridade dá-se na filosofia da diferença, onde é inserido a noção de diferença ontológica diferenciando o ser e o ente onde o primeiro deve ser valorizado e o segundo pode ser apenas entendido em relação ao primeiro. Heidegger fez uma crítica a metafisica por haver uma negação dessa diferença, propondo assim um novo

paradigma sobre o pensamento sobre a diferença. Levinas refere que a relação do Eu com o mundo é uma relação de posse e identificação onde há um entendimento contra a alteridade, chamou isso de posse do Outro onde relata que não existe independência do Outro (Homrich, 2016).

A diferença sempre esteve presente nas obras de Freud, suas ideias sempre revelam que a dinâmica da vida psíquica está relacionada om aquilo que é o outro, naquilo que se difere. No início da vida, o indivíduo depende de outrem, com o seu desenvolvimento haverá uma vinculação com a pessoas e a cultura a lidar sempre com um eu e com um outro. O autor compreende o aparelho psíquico a partir de sai relação com o mundo externo, a relação com o organismo que está fora dele. Depois de referir a importância do outro no desenvolvimento da criança, referiu também o complexo do próximo, onde o indivíduo entra em contacto com o mundo externo e percebe um outro ser humano que se assemelha a ele. Onde o indivíduo começa a ter percepções de novos traços faciais e outros que remetem a ele mesmo de maneira que esse encontro coloca o indivíduo em alteridade. O contacto com outro indivíduo além de colocá-lo em contacto com a alteridade coloca também em contacto com algo familiar. O complexo do próximo é divido em dois, uma parte sendo coerente como uma coisa e a outra compreendida através das lembranças e memórias do indivíduo, onde ele transforma o que percebe no mundo externo em informação baseado em si mesmo a formar um juízo.

A pulsão para Freud é definida por exercer pressão, uma força de trabalho ao psiquismo coma finalidade de satisfazer sempre. Já o estranho, Freud considera todo o tipo de vivência psíquica que pode provocar uma estranheza, ou seja, o estranho não seria nada de novo, mas sim algo que se encontra há um longo tempo em sua mente, devido ao recalque. Refere também que a estranheza provém de complexos infantis na realidade psíquica. O contacto com o outro pode gerar uma estranheza e fazer o individuo assustar uma vez que ele pode entrar em contacto com algo que lute para esconder. A relação com o outro pode reviver lembranças antigas de maneira que quando em situação de alteridade, pode causar uma estranheza do nosso eu manifestada de diversas maneiras como por exemplo através do ato falho. No início o indivíduo não reconhece o outro pois vive um autoerotismo juntamente com um estado de autossuficiência, quando o indivíduo se depara com a sua dependência doo outro que a frustação passa a ser crucial, pois assim o ego passa por uma transformação de ego-prazer para assim ego-realidade e as pulsões transformam-se em amor objetal. Nesse cenário, o princípio do prazer transforma-se em princípio da realidade, onde a frustação limitara o prazer, onde surge o adiamento ou a não realização do desejo definindo a felicidade então como uma busca

intensa de evitar o sofrimento. Freud ainda refere que a relação entre o eu e o outro são a expressão do inferno. O desamparo entra em cena, onde o eu percebe a importância do outro para a própria sobrevivência e ao representar a relação com o outro como inferno, seria então por aparecerem fantasmas de sua história de subjetivação (Moreira, 2005).

Lacan foi um autor psicanalista que se dedicou ao tema da diferença, principalmente no que se refere ao outro ao considerar diferentes perspectivas. O autor refere num primeiro momento que não existe um meio de pensar o registo imaginário sem pensar no registo simbólico, ou seja, quando o individuo fala em associação livre, ele automaticamente traz símbolos organizados em linguagem e as relações dos significados e com significantes. A relação com o outro para o autor é uma relação em espelho, onde explica que o pequeno ser com pouco tempo de vida já se reconhece no espelho sendo esse um passo determinante no desenvolvimento. Lacan refere que existe uma precipitação do eu, onde ele vai inserir precipitadamente no processo de identificação, onde esse estágio traça uma relação inicial entre o bebé e a sua imagem no espelho. Nesse momento inicial de vida, é onde começa a demarcação do eu e não eu, o olhar do ser humano imaginário inclui também o real, onde a sua constituição de mundo inclui essas duas dimensões. A formação do eu irá partir do que se vê fora de sir, por uma construção idealizada de uma imagem de fora, nos vemos no outro ou nos vemos como outro no espelho. Para existir uma superação da imagem ideal com o outro, Lacan refere que o simbólico deve emergir e o indivíduo ser guiado pelo ideal do eu. Sendo que o ideal do eu, traz a lei e a censura que irá afastar o indivíduo do seu eu ideal e insere assim o plano simbólico que regula o imaginário, sendo importante a existência de um imaginário regulado com um certo equilíbrio para que assim o mesmo não se perca numa cegueira. O simbólico evitara que o individuo se perca evitando também que ele não caia numa paranoia com o outro. Para o autor, o simbólico que identifica o ser humano e o define como tal e também o mediador na relação em que o eu se emparelha com o outro (Homrich, 2016).

Nesse processo, o eu se aliena, para isso a fala entra como uma mediadora na relação do eu com o outro. É pelo imaginário que o eu se confunde e se assemelha ao que está a sua frente. Na relação especular com o outro, existe uma rivalidade, uma identificação e uma agressividade, onde o indivíduo encontra no outro o seu desejo e reconhece no outro o seu desejo. Na fantasia de domínio de um corpo unificado com o que nos espelha é que assim tomamos a consciência do nosso desejo. Enquanto o individuo estiver no plano imaginário, o seu desejo só é visto no outro e apenas se reconhece quando mirado no outro. A alteridade em Lacan também se desenvolve a partir de diferentes perspectivas referentes a modalidade de

outro, onde uma vez que no campo imaginário o outro está vinculado ao eu, o autor define dois tipos de alteridade em relação ao outro. Refere a um outro do imaginário e um Outro do simbólico. Classifica cinco modalidades de outrem, sendo elas: o que era chamado de "pequeno outro" sendo considerado um semelhante, sendo derivado do registo imaginário; a seguir vem o chamado "grande outro" onde possui um discurso inconsciente tenso como sintomas lapsos, sonhos e chistes que correspondem ao tecido da linguagem de maneira simbólica; seguido do "objeto pequeno a" com caráter de registo real, sendo a causa de desejo; posteriormente vem o "outro do laço social" que refere-se ao gozo estruturado pelos discursos que vão constituir os laços sociais, tendo possíveis posições de histérica universitários capitalista ou mestre e por fim o "Outro gozo", a representar o gozo feminino como diferença pura e radical. O pequeno outro refere-se a uma matriz que constitui o sujeito, onde no processo inicial, existe apenas um processo de alienação e não uma pessoa; Lacan desenvolve que o eu é um resultado da identificação com uma imagem considerada ideal que é projetada no outro. Esse processo é divido em três momentos, sendo o primeiro a indiferenciação entre o eu e o outro, onde o que é do outro remete ao eu; já no segundo momento, é onde desenvolve-se o chamado transitivismo, que irá refere o eu e o outro são delimitadoras e contornados, e, por último o movimento onde o indivíduo conhece o outro na sua diferença (Homrich, 2016). A autora Sandra Jovchelovitch centra o seu foco na importância da consciência do outro no processo de construção de significados, onde a mediação do outro torna-se fundamental para que seja possível uma reflexão sobre si mesmo e. assim constituir-se como objeto de conhecimento. Assim, a ação simbólica, intersubjetividade, objetividade e identidade são elementos essências para compreender a construção do eu e da realidade social (Santos, 1999).

A alteridade se alia à identidade uma vez que traz a relação eu-outro que é uma chave na construção da identidade. Jodelet (2005) citado por Pereira, Pereira & Paixão (2018), define a identidade com uma característica que torna o indivíduo ele mesmo, diferente do outro, sendo a sua essência plural, dialética e polissémica. A base de sustentação da relação do eu e o outro é a linguagem e também a primeira aproximação da alteridade. Jodelet ainda afirma que ao definir o caráter do que é o Outro, contrapomos a alteridade onde o outro seria um não-eu de um eu, sendo assim o outro de um mesmo.

Jodelet distingue dois modelos de alteridade: a alteridade de fora referente aos países e povos, sendo distante com relação a uma cultura e a alteridade de dentro referente as diferenças dentro do mesmo conjunto cultural ou social, de ordem psíquica ou corporal. Para a autora a alteridade se alia à identidade por trazer a relação eu-outro como chave para a construção da

identidade. De maneira que a alteridade na relação de si mesmo e o outro baseiam-se nas dicotomias de: autóctone/estrangeiro, próximo/longe, civilizado/incivilizado e normal/anormal tendo como base de sustentação a linguagem. Refere que a ideia de si mesmo e do outro e definida pelo olhar ocidental, onde então o modelo de identidade do ser humano é o que o ocidente consideraria ideal e adequado trazendo um questionamento para o indivíduo que está além-ocidente. Assim, a constituição da consciência de si deriva da troca de conteúdo com indivíduos imensos no mundo de maneira a interiorizar a outra perspetiva (Pereira, Pereira & Paixão 2018).

Joffe refere que o oriente e outros continentes foram construídos através do olhar de cultura europeia colonizadora, onde o ocidente ao construir a imagem do outro não ocidental como diferente atribui a eles termos em dois extremos onde um refere-se a um lado depreciativo e o outro admirável. O controlo de si, sobre o próprio corpo e destino é um fundamental na constituição da identidade ocidental é considerado ausente nos não-ocidentais, estes estariam então vinculados com o primitivismo, onde coloca sobre o não ocidental um tipo de alteridade em que intitula o outro como passivo, exótico e primitivo de maneira a reduzir o até excluir a sua humanidade. Se o outro provém de um continente problemático, isso aumenta a sua representação como inferior ou retrógrados, de maneira que os cidadãos africanos ou de países não ocidentais receberem mais sansões e receberem culpa por afetarem o estilo de vida dos ocidentais. Esse movimento serve muitas vezes como base para comportamentos discriminatórios. Assim, ao levar em conta que a constituição da identidade se baseia no espelho no outro de maneira positiva ou de maneira negativa para evitar a depreciação e gerar uma identidade inferior (Santos, 1999). Fanon (2008) coloca o outro numa relação dialética eu-outro como base para a luta contra os sistemas de preconceito racial.

A teoria lacaniana refere que não é pelo biológico que se constitui qualquer noção de raça e sim pelo discurso e pelos lugares simbólicos, onde o suporte do discurso seria o corpo. De maneira que que esse discurso coloca o indivíduo em uma condição de vida ameaça e com o valor questionado. Onde o discurso racista surgiria como uma manifestação da universalidade do discurso científico onde existe a negação do outro, de qualquer subjetividade, em que se destitui o seu estatuto de ser humano a reduzi-lo à apenas um traço diferencial. (Barreto, 2017; Filho 2005).

Já Ceccarelli referido por Barreto (2017) refere que os conflitos existem quando os impulsos sexuais atuam sem cesuram, ou seja, quando não estão submetidos ao Superego. Assim, o outro indivíduo pode ser interpretado como uma ameaça, desprazer em relação àquilo

que o mesmo tem como base e assim o seu sistema é colocado em alerta. Onde o preconceito poderia funcionar nesse contexto como uma alerta perante a angústia, um sinal contra moções pulsionais (Barreto, 2017). Freud interpreta ainda que as antipatias e as aversões disfarçadas são expressões do seu próprio narcisismo (Freud citado por Barreto, 2017).

O autor Franz Fanon, investigou as dimensões sociais do sofrimento humano, os impactos do colonialismo e do racismo no psiquismo de mulheres e homens negros no seu país e outros assuntos. Refere que o racismo não é um fenômeno apenas individual e sim cultural, é a opressão sistemática de um grupo sobre o outro, e derivado disso os processos em que o sofrimento psíquico é constituído em uma sociedade desigual e determinações historicamente e economicamente concretas de maneira a produzir uma agonia contínua e ainda considera o racismo como uma parte de um processo maior de dominação. Esse processo gera um sofrimento psíquico marcado por sentimentos de inferioridade e invisibilidade, impacto na saúde física e na saúde mental dos indivíduos que vivenciam (Oliveira, 2018).

Baseado na obra de Fanon, Kilomba (2019), afirma que as vivencias de racismos constantes são traumatizantes, onde o trauma seria produzido de forma desumana gerando assim uma dor incompreensível em que é somatizada pelo corpo e produz no indivíduo uma timidez, insegurança, angústia, perda da autoestima e até uma autodepreciação (Kilomba, 2019).

Koltai (1997) afirma que a psicanálise mostra que não existe nada mais estrangeiro para o indivíduo que a sua própria exterioridade e a maneira que ele lida com esse evento determina assim o que define do Outro como assim estrangeiro.

Assim, os indivíduos estariam condição de estrangeridade em sua própria cidade e onde quer que forem, para Santos (2018), a internalização das características negativas que lhes são atribuídas originam o sentimento de inferioridade, a poder manifestar em comportamentos de isolamentos e de agressividade. O conceito de racismo institucional é entendido por como uma falha coletiva de uma organização em prover assim um serviço profissional e adequado aos indivíduos baseados na sua cor, cultura ou a sua origem étnica e que desencadeiam no quotidiano do indivíduo na instituição sentimentos de inadequação e insuficiência O preconceito assim não se confundiria com a discriminação. A discriminação seria então a manifestação comportamental do preconceito, onde ações são promovidas com o objetivo de manter as características do grupo de posição privilegiada e referência positiva. Assim, pode se considerar que a discriminação é o conceito mais amplo e dinâmico que o preconceito e

podem possuir agentes diversos sendo a discriminação feita por parte de indivíduos e instituições e o preconceito só por indivíduos. O viés tradicional foca a discriminação como mais individualista, episódica, aberta e complexa.

5-Objetivos do Estudo

5.1-Objetivo Geral

Este estudo pretende explorar as relações de alteridade em estudantes brasileiros em Portugal.

5.2-Objetivo Específicos

Os objetivos Específicos são, nomeadamente: averiguar quais os processos de adaptação de estudantes brasileiros em Portugal.

6-Metodologia

6.1-Tipo de Estudo

Este estudo é um estudo exploratório do tipo Estudo de Caso.

6.2-Participantes

Inicialmente foi feito o contacto com uma estudante de nacionalidade brasileira e que esteja inserida no ensino superior em Portugal. A seleção foi potenciada pela mesma cumprir todos os critérios de inclusão previamente definidos neste estudo, nomeadamente, ser maior de idade, possuir nacionalidade brasileira e ser estudante do ensino superior em Portugal.

7-Instrumentos Clínicos

7.1-Entrevista Aberta

De acordo com os objetivos do estudo, optou-se por utilizar como instrumento de recolha de dados a entrevista aberta (anexo C), de maneira que o entrevistado se senta à vontade para falar abertamente e posteriormente as informações recolhidas na aplicação da prova do Rorschach e do Teste de Apercepção Temático (TAT) auxiliarão na compreensão.

7.2-Teste de Rorschach

O teste de Rorschach engloba-se nos testes de projeção, termo assim designado para um processo em que o indivíduo confere sentimentos, emoções, pensamentos e atitudes a outros indivíduos ou objetos. Assim, com a presença de estímulos ambíguos exteriores, ele dará informação através da interpretação, experiencias ou necessidades do indivíduo. O teste é considerado uma avaliação da personalidade e do funcionamento psíquico, com o objetivo de compreender os aspectos constituintes da personalidade e a variação entre os indivíduos (Adrados, 1982).

O teste de Rorschach como já referido é uma prova projetiva que foi desenvolvida entre 1911 e 1921 por Hermann Rorschach e tem como finalidade apreender a dinâmica psíquica do individuo. O teste é composto por dez cartões com manchas de tinta estandardizadas, distinguindo-se:

- Em suas cores: sendo cinzento-escuro (I, IV, V e VI), cinzento (VII), cinzento-branco-vermelho (II e III) e tons pastel (VIII, IX, V);

- Em sua forma, podendo ser forma geral, caráter unitário ou bilateral, fechado ou aberto, simetricamente mais ou menos evidente;

- E em grau de esbatimento e complexidade. As manchas de tinta são o conteúdo manifesto (Charbet, 2000, 2003).

A apresentação das pranchas segue uma ordem específica e o indivíduo é convidado a dizer o que os cartões lhe remetem e a estruturar um material com características ambíguas e projetar e posteriormente exteriorizar as estruturas internas que formam a personalidade do indivíduo. A aplicação é dividida em duas, a primeira sendo a fase espontânea e a segunda a fase de inquérito. Na primeira fase, o indivíduo é convidado a elaborar respostas a partir das pranchas e por fim, na segunda fase, o indivíduo é convidado a explicar o que o levou a elaborar as repostas. Após a aplicação, é feita a cotação das respostas para poderem ser tratados quantitativamente através do psicograma, analisados qualitativamente e interpretados.

A autora Catherine Chabert refere o Rorschach como uma maneira de acessar e conhecer o funcionamento psíquico e trouxe um contributo referente a diferenciação de si enquanto identidade e representação do outro enquanto relações. Os cartões referem:

Cartão I- Catherine Chabert (2003), cita Nina Rausch de Traubenberg referente a tonalidade emocional disfórica ou neutra que esse cartão apresenta, sendo essa podendo ser mascarada por repostas banais. Existe uma ligação com a situação de apresentação de entrada no teste, de maneira a mostrar o funcionamento do indivíduo em, ou recorrer as suas forças defensivas ou agir de maneira dependente e passiva.

Cartão II- A carga emocional desse cartão segundo Charbert (2003) é vivenciada de maneira forte. A conjunção das manchas vermelhas e negras no cartão branco, a problemática frequente explorada é a castração podendo desencadear respostas especificas no indivíduo. Podendo também referenciar as relações precoces com a mãe, sendo um cartão marcado por características pulsionais.

Cartão III- Charbert (2003) refere que o esse cartão permite uma descontração pela sua estrutura ser menos pesada e menos centrada. É um cartão descrito como relacional por excelência e apresenta uma possibilidade de evocar prazer. A sua disposição remete a necessidade de representação de si em relação ao outro e o tipo de relação expresso e quando existe a inversão de posição do cartão (▼) o indivíduo reenvia a imagem humana para o irreal ameaçador e poderoso.

Cartão IV- Chabert (2003) refere sua tonalidade emocional na maioria das vezes disfórica, devido a configuração do cartão são remetidos sentimentos de angústia ou grande desconforto. Possui caraterísticas superegóicas e de grande intensidade.

Cartão V- Chabert (2003) refere o caráter neutro e pouco pronunciado da tonalidade emocional do cartão por ser próximo da realidade. A solicitação simbólica desse cartão é de dupla significação e apela ao sentimento de integridade, apelando também para o conceito de si juntamente com à unidade do Ego. Ou seja, o cartão reenvia para a realidade objetiva e concreta apelando ao sentimento de unidade e integridade.

Cartão VI- A solicitação simbólica do cartão é de implicações sexuais, mesmo sendo bissexuado, a dimensão fálica é mais vezes utilizada e pode apresentar uma dinâmica atividade, passividade ou apresentar a problemática da castração (Chabert, 2003).

Cartão VII- A tonalidade emocional é evidenciada nas dimensões do inacabamento e da desarticulação juntamente com a instabilidade e desiquilíbrio do estímulo. A solicitação simbólica do cartão remete ao feminino, ao materno, impelindo o individuo a situar-se em relação à imagem feminina, imagem materna ou ao sexo feminino em função a própria relação primitiva com a mãe (Chabert, 2003).

Cartão VIII- Este cartão é marcado pela presença de cores, podendo receber mais reações positivas, onde existe uma solicitação de comunicação e de troca, como pertencimento ao mundo exterior e afetividade (Chabert, 2003).

Cartão IX- a tonalidade desse cartão é definida pela aceitação ou recusa do apelo simbólico, que refere a uma solicitação dominante a regressão, podendo ser vivenciadas positivamente ou negativamente reenviando para um simbolismo pré-genital materno podendo estar ou não associado aos fantasmas de gravidez ou nascimento (Chabert, 2003).

Cartão X- Chabert (2003) refere o cartão como versátil, onde o seu conteúdo latente é diferente devido a centração do indivíduo nas cores, na dispersão ou na importância dos espaços em branco. Pode suscitar repostas com conteúdos festivos ou de fragmentação.

7.3-Procedimentos de Recolhas de Dados

Foi requerida a autorização para a realização deste estudo, sendo apresentado o objetivo e tendo todas as dúvidas sido sanadas. Após a autorização, foi feito o contato com a estudante para a sua colaboração no estudo e foi pedido um consentimento informado (via carta de consentimento – Anexo A) e novamente sanadas quaisquer dúvidas existentes.

Para o setting, foi-nos facultado pela instituição um gabinete (secretária e duas cadeiras) para que fosse possível preencher os requisitos da aplicação das provas de maneira que a aplicação fosse parecida com a do clínico.

7.4-Teste de TAT

O teste de Apercepção Temática (TAT) foi criado por Henry Murray em 1935 e possui o objetivo de explorar a personalidade ao estudar o sentido dinâmico das diferenças individuais na percepção de um estímulo normalizado. O procedimento consiste na apresentação ao indivíduo um conjunto de pranchas com imagens, incentivando-o que ele relate histórias. As pranchas representam situações humanas consideradas clássicas ou mais precisamente, situações com conflitos universais que permitem um acesso às dimensões relacionais do funcionamento mental. Cada prancha possui uma referência de uma condição humana específica perante a um material objetivo que remete a conflitos universais carregado de um conteúdo manifesto e um conteúdo latente. As imagens têm um caráter ambíguo para assim poderem remeter a diferentes interpretações, assim o processo está ligado a memórias, especificamente afetivas de situações que o indivíduo tenha passado (Murray, 2001; Shentoub, 1999).

Através da história contada, o indivíduo passa por um processo chamo de separação-ligação-separação, onde para ser possível interpretar o que acontece na imagem, o indivíduo tem que identificar as características manifestas e assim avivar posteriormente com elementos da sua realidade interna, que não deixam de se manter separadas das características presentes no externo e no interno e fazer assim uma ligação entre elas. Esse processo proporcionará a emergência de um "novo objeto" que possui características dos dois mundos, onde a história surgirá a parit da pressão dos conteúdos inconscientes e dos mecanismos de defesa que foram mobilizados. Quando não existe o equilíbrio dos dois mundos, duas situações podem acontecer, a primeira quando o mundo interno domina o externo acontece a desrealização e uma recusa da realidade e na segunda, quando o mundo externo domina o interno acontece o empobrecimento da fantasmatização. Na situação projetiva, são reativados campos de experiências sensoriais e representativas que resultaram num discurso que foi mobilizado pelas representações internas e simultaneamente pela realidade externa onde essa situação impõe um duplo constrangimento. Cada prancha possui uma temática que remete um tema específico, assim a análise narrativa refere-se ao conflito latente que ele apresenta e qual a ressonância emocional provocada no indivíduo (Marques, 1994).

Para Shentoub (1999), O T.A.T possui problemáticas referentes a Identidade e Identificação e com a Relação de Objeto. A Identidade e Identificação remetem a existência ou ausência de estabilidade na identidade, diferenciação de personagens, identificação que podem ser colocadas ou não, e referências sexuais estabelecidas ou não estabelecidas. Já na Relação de Objeto remete a representação da relação e de si, na ligação ou desligamento e nas relações de conflito e nos movimentos agressivos e libidinais.

O valor do T.A.T está em evocar as fantasias suscetíveis de tradução em tendencias inconscientes inibidas. O teste compreende 30 pranchas com gravuras e uma em branco, onde onze são consideradas universais (1,2,4,5,10,11,14,15,16,19 e 20) uma vez que são aplicáveis a todos os indivíduos. Quando aplicadas a jovens do sexo masculino são recomendadas as seguintes pranchas: 3RH, 6RH, 7RH, 8RH, 9RH, 12RH, 13R, 17RH e 18RH. Já na aplicação a uma jovem do sexo feminino são recomendadas as seguintes: 3MF, 6MF, 7MF, 8MF, 9MF, 12RM, 13RM, 17MF e 18MF. Para homens adultos, são acrescentadas: 3RH, 6RH, 7RH, 8RH, 9RH, 12H, 13H, 17RH e 18RH. E por fim, para mulheres adultas, são acrescentadas: 3MF, 6MF, 7MF, 12F, 13HF, 17MF e 18MF. Às instruções devem dar ênfase à criatividade do indivíduo, tem um caráter de flexibilidade uma vez que se ajusta conforme a idade, nível intelectual e outras questões.

7.5-Procedimentos de Recolhas de Dados

Foi requerida a autorização para a realização deste estudo, sendo apresentado o objetivo e tendo todas as dúvidas sido sanadas. Após a autorização, foi feito o contato com a estudante para a sua colaboração no estudo e foi pedido um consentimento informado (via carta de consentimento – Anexo A) e novamente sanadas quaisquer dúvidas existentes.

Para o setting, foi-nos facultado pela instituição um gabinete (secretária e duas cadeiras) para que fosse possível preencher os requisitos da aplicação das provas de maneira que a aplicação fosse parecida com a do clínico.

Foi realizada a instrução da prova ao início e não foi repetida, apenas no cartão em branco. Durante a aplicação teve-se em conta o tempo de latência (tempo de o momento da apresentação da prancha até o indivíduo começar a falar), sendo o relato anotado integralmente com o devido respeito a suas características referentes a reconstruções, abreviações e interpretações (Shentoub, 1999).

8-TAT

Após a aplicação do T.A.T, procedeu-se à análise dos procedimentos utilizados, dos tipos de legibilidade encontrados e então à interpretação das respostas (anexo B).

Cartão 1 – O menino e o violino

Tempo de reação: 5'' Tempo de Duração: 50''

"A primeira me vem uma criança inicia (A1-1- a história construída próxima do tema banal) que talvez ela não gosta de tocar violino e prefere ficar a dormir, porém seus pais (B1-2- o investimento na proposta de aceder ao imaginário pela introdução de personagens não figuradas na imagem) a obrigam estudar as partituras e ela está triste. Ela disse aos pais que não quer continuar, mas os pais continuam a obrigar então ela volta para o quarto e decide que vai estudar e ser o melhor e quando os pais não obrigarem mais ela irá parar e nunca mais irá tocar nisso (o conflito centra-se na impossibilidade de concretização do desejo pulsional)."

Cartão 2 – A estudante no campo

Tempo de reação: 6'' Tempo de Duração: 56''

"História é uma família, onde a mãe e o pai inicia (A1-1- a história construída próxima do tema banal) tem uma fazenda e trabalham todos na fazenda. A filha que tem os livros na mão, sempre quis estudar e ter outra vida, mas nunca chegou a falar com os pais sobre isso. Quando ela cresce, um dia toma coragem e decide contar para os pais que vai embora para estudar, os pais não apoiam mesmo triste (B2-6- alternância entre estados emocionais opostos) com isso ela decide ir, ela estuda, passa na faculdade e constrói uma vida longe deles, mas acaba a vida feliz estudar, os pais não apoiam mesmo triste (B2-6- alternância entre estados emocionais opostos)."

Cartão 4 – Mulher que retém o homem

Tempo de reação: 10'' Tempo de Duração: 1'10''

"Desenhos diferentes (crítica da situação (C/C-3), nessa história tem um casal que apresentam expressões muito diferentes, a mulher tenta chamar atenção do marido, tenta buscar um carinho porém o marido não faz questão nem de olhar para mulher (B2-9- erotização das relações), como se o que sentisse o mesmo que ela estava a sentir, ele estava olhando para outra mulher (B1-2- introdução de personagens não figuradas na imagem), como estão em um lugar

público, a mulher tenta ainda chamar a atenção sutilmente, quando ela percebe que não é recíproco e que ele não vai fornecer o que ela precisa, então ela pega a sua bolsa e vai embora seguir com a vida dela."

Cartão 5 – A senhora na porta

Tempo de reação: 11'' Tempo de Duração: 1'

"A Senhora (C/Fo-3 - anonimato do personagem) esta na cozinha e se assusta com um barulho na casa, ela vive nessa casa sozinha, então fica muita assustada, a procura do que causou a diferença na sua rotina, ela procura na casa toda, até descobrir que não era nada demais e era apenas um gato fofinho (B1-2- introdução de personagens não figuradas na imagem) que entrou e derrubou um vaso. Não tem nada (A2-9- anulação no fim do relato), parece que ela, mas vejo algo e teve um final feliz e ficou com um gatinho (E-14- clivagem do objeto)."

Cartão 10 – O abraço

Tempo de reação: 20'' Tempo de Duração: 1'

"Vejo um casal homoafetivo (B2-10- pormenores narcísicos com valência emocional), duas mulheres, que estão se abraçando e dançando, após um jantar, algo que para as duas fugirem da rotina, como os dias estavam muito ocupados, resolveram tirar um tempo para dançar e se abraçar como faziam no início quando estavam juntas (B2-9- erotização das relações)."

Cartão 11 – Paisagem primitiva de pedras

Tempo de reação: 5'' Tempo de Duração: 56''

"**Esse parece com os meus sonhos** (CN-1- comentário pessoal - A1-2 – recurso ao sonho)**, é** um mundo invertido (B2-1- entrada direta na expressão), um cenário invertido, um Mundo apocalíptico, um mundo sombrio directa na expressão (B2-1), utiliza recurso ao sonho (A1-2) e com a presença de temas de medo (B2-13- a presença de temas de medo), em que apenas os animais sobreviveram, e conforme convivem com a natureza, os animais evoluem mais, até chegar o ponto de passarem para uma outra fase, um outro lugar."

Cartão 14 – Homem na janela

Tempo de reação: 20’’ Tempo de Duração: 1’30’’

“Eu vejo uma pessoa (anonimato do personagem - C/Fo-3) madrugada na sua casa e decide abrir a janela para olhar o céu estrelado, fica olhando para o nada, colocando os seus sentimentos em ordem pois precisava decidir muitas coisas (descrição com apego aos pormenores A2-1), e precisava fazer isso sem ninguém poder interrompê-la. Ela gosta de fazer isso todas as semanas, é um momento em paz só dela. Precisava tomar algumas decisões referentes ao trabalho dela e a os próximos passos da vida dela (centrado na intelectualização - A2- 2). Fica algumas horas naquele lugar, relaxando e respirando e depois acaba por ir comer algo de madruga e dormir para amanhã enfrentar o outro dia.”

Cartão 15 – No cemitério

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 50’’

“Um cemitério, onde um senhor idoso vai visitar a sua amada (B1-2- introdução de personagens não figuradas na imagem), e fica lembrando dos momentos felizes que passou com a pessoa, sentindo a falta dela, o senhor sente muitas emoções naquele momento, sorri, chora e pensa em como vai ser sua vida após a morte de sua amada (investimento narcísico pela representação negativa - CN-2, do Outro/de Si - CM-2, com expressão de afetos maciços ligados a qualquer problemática - E9).”

Cartão 16 – Em branco

Tempo de reação: 15’’ Tempo de Duração: 1’05’’

“Uma tela em branco é sempre algo construído (referências ao senso-comum - A1-3), é uma história que ainda não foi contada, mas é como se a pessoa segurasse um espelho e que analisa a sua própria historia (centrado na intelectualização - A2- 2, vivência subjetiva - C/N-1), como se ela tivesse finalmente a oportunidade de construir e poder escolher para onde a sua história vai e ela planeja a vida esperando que tenho um final feliz uma vez que sua vida familiar já foi muito triste e com tragédias (com expressão de afetos ligados a qualquer problemática - E9).”

Cartão 19 – Cabana na neve

Tempo de reação: 7’’ Tempo de Duração: 55’’

“Uma casa num vilarejo (A1-1- a história construída próxima do tema banal) num lugar mais deserto que esta passando por uma ventania, chuva, relâmpagos e um momento de tempestade, a família dentro da casa sente que tudo está a mexer (B1-2- introdução de personagens não figuradas na imagem e evocação de elementos ansiogénicos seguidos de interrupções do discurso **C/Fo-6)**), ficam apreensivos com essa tempestade e o pai fala que a tempestade vai acabar e que logo o medo iria passar, a família se abraça e espera a tempestade acabar juntos.”

Cartão 20 – Só sob a luz

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 50’’

“Um homem que esta esperando algo acontecer na vida, pensando na vida, esperando alguém que ele tinha convidado chegar para irem ao bar beber após um dia longo, a pessoa chega ele discute pelo atraso, mas os dois seguem então para o bar para beber e comer alguma coisa.”

Cartão 3GF – A jovem na porta

Tempo de reação: 8’’ Tempo de Duração: 50’’

“Uma mulher (anonimato do personagem - C/Fo-3), perto dos seus trinta anos com um vestido de trabalho fechando a porta do apartamento muito triste e depois vai para o quarto chorar, fecha a porta pois não quer que ninguém vá atrás dela (com apego aos pormenores - A2-1), ela teve uma briga no trabalho com o chefe e não ficou a se sentir bem após a briga, então vai descansar para poder amanhã resolver as coisas com o chefe.”

Cartão 6GF – Mulher surpreendida

Tempo de reação: 6’’ Tempo de Duração: 56’’

Discurso livre:

“Uma mulher e um homem que se conhecem (anonimato do personagem - C/Fo-3), mas não se veem a muito tempo, em um bar, ele tocou no ombro dela e ela olha para trás e ele começa a conversar com ela (com apego aos pormenores -A2-1), eles trocam informações atualizam os fatos da vida, começam a dançar e se divertir, aproveitam a noite (B2-9- erotização

das relações, mas quando o dia chega cada um segue o seu caminho e nunca mais se encontram.”

Cartão 7GF – Menina e boneca

Tempo de reação: 8’’ Tempo de Duração: 1’10’’

“Uma mãe com o filho, num fim de tarde em que a mãe estava lendo um livro como costumava fazer quando a filha aparece com a boneca querendo atenção da mãe (Acontece um acento nessa relação - B1-1), a mãe coloca a criança no colo para afagar a criança, A filha olha para o lado pois um irmão apareceu, mas a mãe continua a olhar para a criança e a filha ficou feliz por ter toda a atenção que fazia tempo que não tinha (gera a introdução de personagens - B1-2).”

Cartão 8GF – Mulher pensativa

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’10’’

“Uma mulher (anonimato do personagem - C/Fo-3), essa mulher que tem uma séria decisão a tomar na vida, por isso ela senta e fica pensando no que fazer (centrado na intelectualização - A2- 2), pois, ela tem de decidir entre dois empregos. Ela tem de decidir os próximos passos da vida dela, mas ela não consegue decidir sobre qual trabalho ela quer ficar (com ruminação - A2-8). Ela faz listas de pros e contras até decidir qual trabalho vai ficar e decide quando vai pedir a demissão do outro trabalho (grande pormenor evocado e não integrado - A2-16).”

Cartão 9GF – Duas mulheres na praia

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 1’05’’

“Aqui são duas mulheres (anonimato do personagem - C/Fo-3),, uma com está muito triste e a outra que está mais acatada, uma da mulheres se afastou para poder ler em paz e ninguém atrapalhar enquanto a outra esta a procura dela pois quer falar com ela urgentemente para fazerem algo juntas, mas mulher se esconde na árvore não querendo ser encontrada pois quer ficar sozinha e não quer fazer o que a amiga quer e fazer e ficou escondida até a amiga desistir e ir embora.”

Cartão 12F – Mulher jovem e velha

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’09’’

“Aqui acontece que uma mulher mais velha que para enfrente ao espelho e brincando com a imaginação projeta a sua imagem mais nova (anonimato do personagem - C/Fo-3), imaginando como era vida quando ela era mais nova (idealização de si - C/N-10) as escolhas que tinha para fazer, analisa os momentos bons e maus, ela lembra dos choros, dos sorrisos (alternâncias entre estados emocionais opostos - B2-6) e fica feliz por poder ter vivido essa vida, chega a conclusão de que tudo valeu a pena.”

Cartão 13GF – Mulher na cama

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’15’’

“Um cenário bem mortífero, onde o marido num ato de raiva, bate e mata a mulher na cama (evocação evidência a íntima relação entre as pulsões agressivas e sexuais - E-8), deixando a mulher jogada na cama nua, o marido para enfrente da cama e começa a coçar os olhos pensando no que tinha feito e depois de uns minutos se arrepende, começa a chorar (representações contrastadas, alternâncias entre estados emocionais opostos - B2-6) e tenta pensar em como resolver a situação, mas ele acaba sendo preso pois denunciaram ele para polícia.”

Cartão 17GF – A ponte

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 1’10’’

“Um local onde no térreo, em que chefe manda os homens estão a trabalhar, e carregar as cargas, os homens não felizes carregam reclamando da situação, enquanto isso na ponte passa uma mulher, que tem um outro nível social económico que vem lembrar em homens o lugar que eles pertencem, mostrando que ela tem mais benefícios que eles, enquanto acontece um eclipse e depois ela volta para a sua vida e deixa os homens continuarem a trabalhar.”

Cartão 18GF – Mulher que estrangula

Tempo de reação: 20’’ Tempo de Duração: 1’

Discurso livre:

“Uma mulher daquelas épocas antigas, que abraça outra mulher que está inconsciente, fica muito preocupada com o desmaio dessa amiga, mas sem muitas forças para conseguir ajudá-la, resolve então esperar a amiga voltar ao normal, mas tem medo da reação das pessoas a volta (presença de temas de medo num contexto dramatizado - B2-13), então vão perto de

uma escada para se esconder, até que a amiga melhorou e foram embora (B1-2- introdução de personagens não figuradas na imagem).”

8.1-Análise e Discussão dos Resultados

Cartão 1- Após um tempo de latência inicial breve (5’’) inicia a história construída próxima do tema banal (A1-1). A continuidade do relato revela permitir o investimento na proposta de aceder ao imaginário pela introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2). Aponta para o desapontamento e desilusão para com as figuras parentais demonstrando, assim, a insuficiência das mesmas e falta de compreensão por parte deles. O conflito centra-se na impossibilidade de concretização do desejo pulsional.

Cartão 2- Após um tempo de latência inicial breve (5’’) inicia a história construída próxima do tema banal (A1-1). Refere representações contrastadas, com alternância entre estados emocionais opostos (B2-6).

Cartão 3GF- Após um tempo de latência inicial breve (8’’), é marcada pelo anonimato do personagem (C/Fo-3), a descrição com apego aos pormenores (A2-1) marcada também pela introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2).

Cartão 4- Inicia com uma crítica da situação (C/C-3), descrição com apego aos pormenores (A2-1) marcada também pela introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2) com uma erotização das relações (B2-9).

Cartão 5- É marcada pelo anonimato do personagem (C/Fo-3) marcada também pela introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2) com uma anulação no fim do relato (A2-9) e uma clivagem do objeto (E-14).

Cartão 6GF- Descrição com apego aos pormenores (A2-1), com uma erotização das relações (B2-9), é marcada pelo anonimato dos personagens (C/Fo-3).

Cartão 7GF- Acontece um acento nessa relação (B1-1) que gera a introdução de personagens (B1-2) a representação do objecto na sua forma negativa (CN-2), a proximidade mãe-filho num contexto de mal-estar é evocada uma vez que a filha não gosta.

Cartão 8GF: O relato recorre à intelectualização (A2-2), grande pormenor evocado e não integrado (A2-16) com descrição com apego aos pormenores (A2-1), com ruminação (A2-8), é marcada pelo anonimato dos personagens (C/Fo-3).

Cartão 9GF- Após um tempo de latência inicial breve (5'') inicia marcada pelo anonimato dos personagens (C/Fo-3).

Cartão 10- Ao referir a uma relação homoafetiva remete ao apego aos pormenores narcísicos com valência relacional (B2-10), com uma erotização das relações (B2-9).

Cartão 11- Inicia o relato com um comentário pessoal (CN-1) que demonstra a ressonância fantasmática provocada pela imagem. O relato é iniciado com a entrada directa na expressão (B2-1), utiliza recurso ao sonho (A1-2) e com a presença de temas de medo (B2-13).

Cartão 12F- Após um tempo de latência inicial prolongado (10'') representações contrastadas, alternâncias entre estados emocionais opostos (B2-6) e pormenores narcísicos, idealização de si (C/N-10).

Cartão 13GF- Após um tempo de latência inicial prolongado (10''), a relação agressor-agredido surgi, numa relação heterossexual, cuja evocação evidência a íntima relação entre as pulsões agressivas e sexuais (E-8) representações contrastadas, alternâncias entre estados emocionais opostos (B2-6).

Cartão 14- Descrição com apego aos pormenores (A2-1) centrado na intelectualização (A2- 2) com o anonimato do personagem (C/Fo-3).

Cartão 15- Introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2) em associação ao tema de morte, o investimento narcísico pela representação negativa (CN-2) do Outro/de Si (CM-2) com expressão de afetos maciços ligados a qualquer problemática (E9)

Cartão 16- Inicia evocando referências ao senso-comum (A1-3) centrado na intelectualização (A2- 2), com acento inscrito na vivência subjetiva (C/N-1) e com expressão de afetos ligados a qualquer problemática (E9).

Cartão 17GF- Após um tempo de latência inicial breve (5'')

Cartão 18 GF- Após um tempo de latência inicial prolongado (20’’), presença de temas de medo num contexto dramatizado (B2-13), introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2)

Cartão 19- História construída próxima do tema banal (A1-1), introdução de personagens que não figuram a imagem (B1-2) e evocação de elementos ansiogénicos seguidos de interrupções do discurso (**C/Fo-6).**

9-Protocolo de Rorschach

Repostas	**Inquérito**	**Cotação**
I 10’’ 1- Vejo uma Mariposa 2- Vejo também um inseto com asas 3- Parece um inseto diferente com manchas iguais as da borboleta 1’10’’	1-Figura toda (G) 2- Imagem toda (G) 3-G	**1-** G F+ A Ban **2-** G F+ A **3-** G F- A
II 8’’ 4- Vejo ursos brigando 5- Vejo rostos como se tivessem machucados 6- Não parece ser uma luta, mas aquelas tintas dos indígenas 1’30’’	4-Imagem geral (G) 5-Do rosto para os vermelhos 6-todos os vermelhos (D)	4- D kan A 5- G CF Anat 6- D CF
III 15’’ 7- Se eu virar ao contrário vejo um pinguim 8- Um pinguim com uma gravata borboleta	7-Imagem toda (G) 8-Imagem toda (G) 9-Imagem toda (G)	7- D F- A 8- D F- A 9- D F- A Tend Kan

9- Vejo também um pinguim com as asas abertas ▼ (ao contrário) 1’05’’		
IV 4’’ 10- Parece um filme de terror 11- Tem uma caveira com um manto preto com efeitos de fumaça em volta 55’’	10-Imagem geral (G) 11-Caveira (D superior) fumaça (D inferior)	10- G F Clob 11- D F+ Clob Anat
V 5’’ 12- Vejo uma espécie de borboleta 13- Um inseto que voa 14- Ou ainda, um dragão que não possui asas 57’’	12- Imagem geral (G) 13-Imagem geral(G) 14-Dragão (D inferior)	12- G F+ A Ban 13- G Kan A 14- G F- A
VI 7’’ 15- Vejo um lagarto com um véu em cima de um monte como se fosse superior as pessoas	15-Inseto (D superior) o monte (D inferior)	15- D F- A

40’’		
VII 9’’ 16- Vejo duas mulheres da idade média se olhando com quelas penas na cabeça. 17- Ou ainda, uma mulher da idade média se olhando no espelho 30’’	16-Imagem geral (G) 17-Mulher na lateral (D)	16-KP M+ H 17-KP H
VIII 10’’ 18-Vejo uma imagem refletida na água 19-Vejo um animal a andar na natureza, talvez um urso ou um felino a andar perto da água 50’’	18-Imagem toda (G) 19-Tapou metade da imagem para mostrar simetria (D)	18-G F- Imagem/cena 19-D Kan Cena
IX 7’’ 20- Vejo um bicho com olhos grandes fumando 21- Ou um ET com o nariz sem cartilagem	20-Imagem geral (G) 21-O nariz me lembra um ET fumando por causa da fumaça (D) 22-Figura toda (G)	20-G Kan (A) 21- G F- (H) 22-D F- Ad

22- Ou a cabeça de uma formiga 1’10’’		
X 4’’ 23- Vejo vários animais na natureza 24- Vejo caranguejos com folhas nas mãos 25- Vejo animais trabalhando com o mesmo objetivo 26- Vejo como se fosse um formigueiro, que é para onde os animais estão levando as folhas 27- E vejo pássaros a brincar 1’40’’	23- Figura toda (G) 24- Lateral (D) 25- Figura toda (G) 26- Formigueiro (D-superior) 27-Passáros (D inferior)	23-G F- A 24-D F+ A Ban 25-G Kan Cena 26-D F- Natureza 27-Dd Kan

Prova das Escolhas:

Escolha +:

VIII << Pelas cores, gosto de como me faz sentir, é uma imagem agradável.>>

III << Eu amo pinguins, ainda mais quando tem gravata de borboletas, é uma imagem feliz.>>

Escolha -:

V << É uma imagem inacabada, não me dá uma sensação boa.>>

VI << Acho interessante olhar para o espelho, como um modo de reflexão.>>

9.1-Psicograma

PSICOGRAMA DO RORSCHACH

R= 27

Recusa= 0

Tem. Tot= 10’37”

Tem/Resp=23”

Tem. Lat. Med.= 7,9’’

Normas	Intervalos
R	20 – 30
G%	20-30%
D%	60 – 68%
Dd%	6 – 10%
Dbl%	3%
Do%	0%
F%	50 – 70%
F+%	80 – 95%
K	1 – 3
$\sum c$	2 – 3
A%	35 -50%
H%	12 – 18%
RC%	30 – 40%
IA%	< 12%
Ban	5 7

G= 13

Gbl=

D= 11

Dbl= 0

Dd= 1

Do= 0

G%= 48%

D%= 41%

Dd%= 4%

Do%= 0%

F+= 6

F-= 11

F±= 0

$\sum F$= 17

F%= 63%

F+%= 35%

Fa%=88%

F+a%=14%

K=

Kan= 7

Kp= 2

Kob=

FC=

CF= 2

C=

FE=

EF=

E= 1

FClob= 0

ClobF= 0

Clob= 2

A= 14

Ad= 1

(A)= 1

H= 2

Hd=

(H)= 1

A%= 56%

H%= 7,4%

Elem.=

Frag.=

Bot.=

Geo.=

Pais.=

Anat.= 2

Sexo=

Obj.=

Arq.=

Simb.=

Abs.=

Nat. = 3

T. Apreensão:

G D Dd

TRI= 0K/=C

F-C. – 6

RC%= 37%

I.A= 7,4%

Ban= 3

Orig.

Prova Escolhas:

+= VIII

___=III

Elementos Qualitativos:

Choque ___

Eq. Choque ___

Perserv. ___

Com. Cor ___

Com. Simet. ___

Crit. Obj. ___

Com. Subj. ___

9.2-Análise Cartões

A estudante G. apresentou uma atitude colaborante, curiosa sobre o teste, não apresentou muitas perguntas durante o processo. Durante a aplicação, manteve contacto ocular, com exceção dos momentos em que observava os cartões. Os movimentos corporais durante a aplicação foram mínimos, apresentando um discurso fluído ao longo da aplicação.

Referente as características de produção, o protocolo possui 27 respostas e um tempo total de 10 minutos e 37 segundos. O número de resposta está dentro da normalidade, uma vez que é esperado entre vinte e trinta resposta. O tempo total (10 minutos e 37 segundos) encontra-se abaixo da normalidade, sendo a normalidade entre vinte e trinta minutos, apresenta um tempo de latência médio de 7.9 segundos.

Nos modos de apreensão, temos G (48%) acima da normalidade (20% - 30%), D (41%) abaixo da normalidade (60% - 80%), Dd (4%) abaixo da normalidade (6% - 10%). Nos determinantes, temos F (63%) dentro da normalidade, F+ (35%) abaixo da normalidade. Quanto aos valores cinestésicos temos 7 kan e a inexistência do k. Apresenta duas tendências de esbatimento (Clob=2).

Temos um R.C (37%) dentro da normalidade (30% - 40%). Temos um I.A(7,4%) dentro da normalidade (<12%).

Percentualmente temos A (56%) acima da normalidade (35% - 50%), H (7,4%) abaixo da normalidade (12% - 18%). Referente aos restantes temos uma figura humana irreal ((A)=1) e uma parte de figura animal (Ad=1) e uma parte humana irreal/sobrenatural ((H)=1), interior do corpo (Anat=2) e natureza (Nat=3). As restantes são divididas em: anatomia e natureza.

Foi apresentada três Banalidades, um pouco abaixo dos valores normativos (5 a 6 num protocolo com 20 a 30 respostas).

A análise dos cartões começa a ser feita no cartão I, face a aceder os conteúdos e o investimento na realidade externa apresenta um movimento de adequação a realidade externa com movimentos defensivos. Começa por descrever formas bem definidas, transformando um uma forma menos definida para assim perder a forma. Começa por descrever como uma mariposa, algo vistoso, grande e bonita, passando por um inseto com asas a perder a forma, uma ideia menos definida e por fim uma imprecisão de resposta, um inseto com manchas iguais

as da borboleta, apresentando assim uma confusão de papéis, onde a ideia pré-genital oferecesse uma confusão de papéis, uma confusão precoce do lugar materno.

No cartão II, refere como sendo "ursos brigando" remetendo assim a uma conflitualidade edipiana, uma rivalidade de papéis, uma organização menos evoluída. Seguido por "rostos machucados" remetendo para um sofrimento psíquico, e um dimensão de conflitualidade onde ninguém saí ileso da situação. Apresenta uma sensibilidade aos vermelhos nesse cartão, onde "tintas indígenas" podem remeter para uma origem, uma ancestralidade e uma dimensão das relações precoces que carregam uma história. A fixação da cor remete para uma dimensão mais agressiva e a sua sensibilidade a cor para uma dimensão de impacto.

O cartão III acontece uma inversão do cartão, sugere uma descontração com "um pinguim", sugere um problema de identificação, não sendo reconhecido nenhuma figura humana faz supor uma incapacidade de identificação com outros se, na segunda resposta para esse cartão refere a presença de uma gravata no pinguim trazendo aqui uma sensibilidade a cor e um processo geral para um detalhe específico e "um pinguim com asas abertas" mostra um afunilamento de ideias e detalhes construídos e que pode sugerir uma cinestesia com "asas abertas" como uma recepção, uma ideia calorosa de recepção a sugerir também que a barreira do externo e interno não está claramente estabelecida.

No cartão IV há uma emergência do mundo fantasmático e o recurso a modalidade de fantasia (ClobF) e o esbatimento remete para a necessidade de um contacto mais próximo, mais íntimos, no "filme de terror" que possui assim raízes precoces remetendo a uma relação objetal com o masculino com uma reação de mal-estar e desconforto ao estímulo negro seguido de "uma caveira com um manto preto" uma apresentação bem definida e sombria da figura de autoridade.

No cartão V ocorre a banalidade "borboleta" que pode demonstrar uma tentativa de resgate da realidade após o cartão anterior, começa com uma boa definição e segue para uma menos definida ("um inseto que voa") para a caracterização de um "dragão que não possui asas" podendo sugerir aqui um confronto entre o mundo realístico e o mundo fantasmático e assustados com uma descaracterização da realidade. Assim, refere-se as representações de relações objetais descaracterizadas e fragmentadas referentes a figura paterna. O "não possui asas" pode remeter para a castração.

No cartão VI ocorre a representação de um ser que se sente superior dos outro e que exige distância dos outros com uma conotação negativa, onde pode sugerir uma deformação e uma perturbação na relação com o masculino.

No cartão VII faz um shift regressivo, a representação "penas" e "idade média" referem a ancestralidade, e "se olhando" pode referir novamente (como no cartão I) uma confusão de papéis, uma conflitualidade ou até uma rivalidade no olhar e pode indicar perturbações da relação entre mãe e filha. Um objeto que pode causar dor ou inversão de papéis nas relações objetais primarias e na segunda resposta "uma mulher da idade média se olhando no espelho" mostra uma procura desesperada de uma unidade face ao material que pode ser sentido uma descaracterização e invertido com uma outra referencia a origem e ancestralidade ("idade média").

No cartão VIII a forma não fica bem definida "uma imagem refletida na água" pode remeter ao investimento narcísico e objetal, remetendo também para uma ausência relacional sentida de uma forma dolorosa, uma angústia existencial um com shift regressivo seguido de "um animal a andar na natureza" mostrando uma inadequação no mundo exterior e da sua organização psíquica podendo sugerir mecanismos de isolamento.

No cartão IX com uma má forma e recorre ao objeto com uma cinestesia "um bicho com olhos grandes fumando" podendo referir uma deformação da realidade em si, "um ET com nariz sem cartilagem" mostrando uma inadequação no mundo exterior e da sua organização psíquica podendo sugerir mecanismos de isolamento, não pertencimento projetando aqui uma simbologia pré-genital de inadequação e um afastamento do mundo humano para finalizar com "uma cabeça de uma formiga" como forma de resgatar a realidade.

No cartão X, apresenta conteúdos de natureza com formas não definidas "animais na natureza" nota-se a tentativa de controlar a adaptação a realidade com um não acesso ao mundo interno e a angústia da fragmentação seguido por uma banalidade ("caranguejos") para uma cinestesia ("animais trabalhando") e "formigueiro" novamente com formas não definidas e uma regressão no pensamento para finalizar com "pássaros a brincar" novamente com uma cinestesia que pode remeter a conteúdos primários de sua infância com um tentativa de controlar e conter a projeção.

Durante todos os cartões é possível referir o recurso da simbolização em mecanismos primários, que oscila entre shifts regressivos e progressivos. A adaptação a realidade externa remete para uma linha tênue, entre a invasão da realidade externa pelo mundo fantasmático de

maneira que pode sugerir que o mundo fantasmático domina a sua realidade externa. Refere uma problemática e um conflito na representação e afeto com angústia

10-Análise e Discussão dos Resultados

Desde a chegada do ser humano ao mundo, existe uma necessidade da figura do outro, o desamparo que o bebê se encontra gera uma dependência absoluta do outro maternal, o que irá garantir a satisfação de suas necessidades. O mundo externo traz os seus perigos e cria uma necessidade de não ser abandonado e de ser amado. A ausência da figura materna, de um objeto de amor coloca o mesmo em uma situação de perigo que é experienciado de maneira dolorosa uma vez que a sua sobrevivência está em jogo. Para Freud (1914/1976), o amor parental é o retorno e reprodução do narcisismo dos pais que através da valorização afetiva da criança, resgatam o seu próprio narcisismo infantil que foi perdido. A criança surge com uma função reparadora das feridas narcísicas de seus pais, das suas lembranças e fantasias sobre as suas próprias relações primárias (Zornig, 2010).

Lebovici (1987) refere o início do processo de filiação antes do nascimento do bebé e parentalidade é marcada pelas fantasias e fantasmas parentais e podem repetir conflitos passados (Zornig, 2009). Melanie Klein citada por Corso (1998) o indivíduo não é apenas oriundo da mãe, mas de uma complexa função que articula o corpo materno e sua interdição e das figuras parentais combinadas.

Melanie Klein (1946/1991) citada por Mandelbaum (2013) refere que desde o início da vida estamos em relação com o outro, marcada pela ambivalência entre sentimentos de vida (amor) e sentimentos de morte (ódio). Para a autora, é necessário um trabalho psíquico para conviver com esses sentimentos ambivalentes frente ao outro.

Uma vez que o corpo é um terreno no qual se constrói a relação com o outro, é também onde se constrói a relação com o outro parental. Uma relação primordial e subjetiva. A ausência da figura materna pode ter aqui um efeito traumático onde existe a falta de um escudo para proteger e torna-se presente um dualismo (Freud citado por Fernandes, 2006).

A relação com a mãe começa a ser descrita como instável “minha mãe sempre sempre teve altos e baixos, ela não tava preparada para ser mãe” (sic) e como se não devesse ter acontecido. Uma relação conflituosa marcada por tentativas de suicídio “minha mãe fez várias tentativas de suicídio, já a encontrei com os pulsos a sangrar” (sic).

A vivência familiar é vista como uma experiência angustiante “morar com a minha mãe foi horrível, eu tive de aprender a cozinhar e foi tudo muito sozinho” (sic) com a necessidade de assumir um papel que não era dela para a sobrevivência e uma relação destruidora com a mãe. Em contrapartida na prancha 7GF, ao retratar que a filha ficou feliz por sua mãe ter dado a atenção para ela e não para irmão remete para uma necessidade de atenção, necessidade relacional com a figura materna. Juntamente com a análise da prancha 11 que é descrita como invertida e sombria, com a presença do medo e angústia reagindo a materiais psíquicos de ordem pré-genital onde a simbolização pode remeter para um funcionamento neurótico.

“A vida em Portugal sempre foi baseada em ajudar minha mãe na clínica e estudar” (sic) novamente remete para uma inversão de valores, onde a ordem são os pais cuidarem dos filhos e aqui existe a necessidade ou sempre existiu a necessidade de a filha ajudar e muitas vezes assumir o papel materno. Atualmente é descrita como “A relação com a minha mãe foi melhorando, mas nunca se sabe, são muitos altos e baixos” (sic) demonstrando aqui a instabilidade e falta de confiança na constância desse relacionamento. Segundo a vertente de Winnicott, a mãe não sobreviveu a esses ataques e gerou uma resistência e dificuldade de aceitação do novo e da transformação e do Outro.

A relação com o pai é sempre descrita como conflituante “meu pai bebe muito muito e agredia a minha mãe” (sic) com a presença de violência física da figura paterna para a materna em que foi necessário a intervenção da mesma “já separei várias brigas com medo dele matá-la” (sic). Na prancha 13GF e descrito um cenário descrito como “mortífero” em que o marido bate e mata a mulher podendo remeter as vivências que presenciou no seu desenvolvimento e uma alternância entre estados emocionais opostos da figura paterna frente a agressão e traz a temática da prisão uma vez que ela e o irmão presenciaram o pai sendo preso relacionando com a prancha “porque eu e meu irmão vimos ele sendo preso” (sic). A figura paterna é vista como agressiva (“Quando eu tinha 18 anos, briguei muito feio com a minha mãe e liguei para o meu pai me buscar, quando ele chegou me colocou na frente do carro e me espancou, minha mãe ficou só olhando” e “ele me humilhava em público, eu humilhava ele” (sic)) e distante como é possível ver no cartão VI em que existe a representação da relação com o masculino como distante e perturbada. Vai de encontro com o que foi analisado no cartão IV do Rorschach que remete a uma relação objetal com o masculino de mal-estar e desconforto, definindo a figura de autoridade como sombria.

Define a relação dos pais como “uma relação extremamente tóxica, meu pai bebe muito muito e agredia a minha mãe” (sic) e como não sendo saudável e boa “meus pais não tinham um bom relacionamento” vai de encontro ao que foi analisado no cartão II do Rorschach que apresenta uma conflitualidade edipiana, a gerar uma rivalidade de papéis e sugere uma organização menos evoluída que gera um sofrimento psíquico onde ninguém saí ileso. Nenhuma figura parental saí ileso da situação, mas que na prancha 13GF remete que a relação heterossexual é percebida como oscilante entre o desejo, agressividade e culpabilidade.

Abandono por parte dos pais “Eles me deixavam muito na mão, nunca apareciam quando eu precisava e na formatura ninguém apareceu” (sic), relatada com sofrimento remete para alguns episódios de ausência em tempos de necessidade que causam um dualismo de sentimentos podendo causar um conflito relacionado ao ser abandonado e abandonar o ambiente.“Em casa meu pai sempre falava que a minha mãe tinha nos abandonado, nos tínhamos feito ela ficar doente e que ela não queria nada com a gente” (sic) projeção da dor do pai para com os filhos, transferência da culpa do abandono para os filhos. E ao mesmo tempo que existe um abandono é possível analisar pela prancha universal 1 e 2 do TAT uma necessidade de seguir com a vida dela e deixar esse ambiente, ou seja, abandonar esse ambiente e essas relações, porém com uma alternância entre estados emocionais opostos.

Novamente na prancha 4 o tema do abandono aparece, onde uma mulher abandona o marido que não dava aquilo que ela necessitava e devido a isso ela vai embora seguir com a vida dela, referindo mais uma vez uma necessidade de abandonar um ambiente e que pode remeter a um impacto edipiano da fantasmática

Projetando na prancha 19 do TAT o ideal de família, marcada pela proteção do pai em relação a família e a unidade em tempos difíceis, diferenciando bem o conceito do bom e do mau objeto, onde o bom é guardado dentro e o mau está fora.

A convivência com a mãe é marcada de conflitos “morar com a minha mãe foi horrível, eu tive de aprender a cozinhar e foi tudo muito sozinho” (sic) apresentando aqui um mecanismo de isolamento, solidão e necessidade de adaptação que refletem para a relação com outro fora do país juntamente com a análise do cartão IX em que mostra uma inadequação ao mundo exterior e uma tentativa de isolamento do mundo humano, onde Santos (2018) refere que a internalização das características negativas que lhes são atribuídas originam o sentimento de inferioridade, a poder manifestar em comportamentos de isolamentos e de agressividade como

“sempre fui desconfiada. Eu acho que eu sempre fui, mas depois de adulta, é difícil confiar nas pessoas” (sic) onde no cartão VIII remete a um investimento narcísico de objetal onde a ausência relacional que é sentida de uma forma dolorosa, mas ao mesmo tempo a socialização causa dor. Em concordância com a prancha 14 do TAT que descreve a necessidade de estar sozinha, sem interrupção para se sentir em paz e conseguir enfrentar o outro dia, na prancha 3GF o movimento de se isolar para chorar e se permitir sentir e na prancha 8GF em que a mesma se isola para decidir entre dois caminhos.

O seu desenvolvimento é marcado pela inversão de papéis “minha mãe parecia que era uma adolescente novamente” (sic) e “morar com a minha mãe foi horrível, eu tive de aprender a cozinhar e foi tudo muito sozinho” (sic) uma inversão de papeis, uma conflitualidade na relação e isolamento como pode ser visto na análise do cartão I, II e VIII que remetem uma confusão de papéis, a origem, rivalidade de papéis e sugere mecanismos de isolamento. “Minha mãe resolve voltar a morar com os meus avós, tento sustentar o apartamento, mas quando não consegui tive de ir morar com o meu pai para não morar na rua” segue de acordo com o que foi verificado no Rorschach, especificamente no cartão I em que a ideia pré-genital oferece uma confusão de papéis e uma confusão bem precoce do lugar materno.

Representação de si vista na prancha 6GF remete para uma problemática narcísica dominante, juntamente com a prancha 7GF que na ausência do conflito e mal diferenciação dos personagens remetem para uma identificação narcísica com evitamento do conflito. Indo de encontro com a na análise da prancha 10, em que ao referir a homo afetividade do casal busca uma imagem de si ideal e uma negação da diferença.

O mundo interno reatualiza no mundo externo e tenta se infiltrar emocionalmente nas vivencias, onde as projeções que incidem no outro que podem gerar mecanismos de aproximação ou afastamento do outro (Mandelbaum, 2013). Sendo claro movimentos ambivalentes referentes ao outro, um afastamento e desconfiança, onde o outro é definido como difícil de confiar e desenvolver um relacionamento e ao estar em um país que não é o seu de origem potencializa o sentimento de exclusão perante o outro. Sentimentos de inadequação “sempre sofri muito bullying na escola, por ter desenvolvido corpo mais cedo, os meninos falavam que eu era ‘puta’ por ser brasileira, então tentavam passar a mão em mim” (sic) mostram a inadequação, movimentos de exclusão e inferioridade perante o outro mas com comportamentos de exclusão. “Foi quando eu e um menino africano fomos chamados para uma sala e mostraram a gente para eles, a sensação que dava é que eramos produtos de uma vitrine,

enquanto falava sobre outros países e os alunos olhando para a gente" (sic), "eu me lembro de ter isso de me sentir mal com isso, com o meu corpo e nesse ano tive vários episódios de assédios" e "eu não me sentia mais bem onde eu estava, eu vivia numa casa diferente, a escola era diferente, saí de um lugar enorme, para um lugar pequeno, meu pai preso, eu o visitava na cadeia e aquilo era muito pesado e juntando com o fato de ter uma mãe doente que fazia coisas que não eram boas" remetem para uma inadequação a realidade externa podendo ser vista nos cartões IX, X e um desenrolar de um complexo jogo das relações entre o psíquico e o somático onde o sofrimento psíquico gera um isolamento, sentimentos de angústia e inadequação e um isolamento. Kilomba (2019), afirma que as vivências de racismos geram uma dor incompreensível em que é somatizada pelo corpo e produz no indivíduo uma timidez, insegurança, angústia, perda da autoestima e até uma autodepreciação indo assim de acordo com os acontecimentos referidos acima onde os mesmos produzem nos indivíduos sentimentos de inferioridade em relação a esse outro e considera como um rancor aos estranhos numa tentativa desesperada de manter uma noção de comunidade local impermeável para assim não afetar os laços já existentes (Bauman, 2009).

A relação com o outro revela-se em desconfiança e dificuldade de confiança "Sempre fui desconfiada. Eu acho que eu sempre fui, mas depois de adulta, é difícil confiar nas pessoas" (sic) e juntamente com a adaptação a uma nova realidade o desafio de relacionar-se com o outro. A visão de inadequação juntamente do contexto dicotómico autóctone/estrangeiro e normal/anormal influenciam na perceção dos fatores.

A experiência de passar por situações que façam o outro a sentir-se inadequado e inferior "foi quando eu e um menino africano fomos chamados para uma sala e mostraram a gente para eles, a sensação que dava é que eramos produtos de uma vitrine, enquanto falava sobre outros países e os alunos olhando para a gente" (sic) veem afirmar um sentimento de exclusão que está presente no início de vida precoce e fortalecem a visão do outro como ambígua e desconstruída e apresentam uma fragilidade e incapacidade de elaborar de maneira harmoniosa e estável a relação com o outro.

A projeção de uma relação com o outro como difícil e que traz a necessidade do isolamento fica notável "então aqui foi mais difícil, por serem diferentes do que eu estava acostumada, como eu cheguei no inverno, parecia que eu não conseguia fazer amizades, assustei bastante" (sic) juntamente na prancha 4 o tema do abandono aparece, onde uma mulher abandona o marido que não dava aquilo que ela necessitava e devido a isso ela vai embora

seguir com a vida dela, referindo mais uma vez uma necessidade de abandonar um ambiente nem que seja o abandono emocional daquele ambiente pois o outro pode ser visto como instável "mas sou de poucos amigos e mais na minha", é possível analisar isso também pela prancha universal 1 e 2 do TAT onde existe uma necessidade de seguir com a vida dela e deixar esse ambiente, ou seja, abandonar esse ambiente e essas relações, porém com uma ambivalência emocional. **"**Aos poucos vou conhecendo as pessoas, conforme foi me sentindo confortável" (sic) a relação com o outro, especificamente o outro fora do seu país aumenta a sua representação como inferior ou retrógrados e assim, ao levar em conta que a constituição da identidade sendo baseado no espelho no outro de maneira positiva ou de maneira negativa para evitar a depreciação e gerar uma identidade inferior.

Cunha & Marques (2009) referem uma vez que o outro desempenha um papel importante na vida do eu, podendo ser um equilíbrio ou desequilíbrio, o ser humano possui uma necessidade de estabelecer comunicações entre o eu e o outro, entre o mundo externo e o mundo interno para assim permitir uma separação distinta e diferenciação do outro e ao existir um isolamento e movimentos de abandono, o processo de diferenciação e estabelecimento de um equilíbrio em relação ao outro vem a ser abalado podendo sugerir uma indiferenciação com esbatimentos dos limites entre os objetos (Cunha & Marques, 2009).

Ao referir que o individuo se constrói na relação com objetos, mas que os mesmos possuem podem de influência na sua construção, existe uma busca por equilíbrio entre o mundo externo e interno numa procura de constância e continuidade baseada na relação familiar e com o grupo de pares. O outro igual entra em uma função de significação para poder integrar partes dele próprio numa então relação que visa gerar novos sentidos e novos significados na necessidade de possibilitar uma autonomia psíquica e maturidade emocional (Cunha & Marques, 2009). Trazem o questionamento de se existe um movimento de isolamento e de não deixar o outro acessar aquilo que se passa dentro como foi referido na entrevista, a construção de uma relação com os objetos passar a não ter um equilíbrio entre o mundo externo e interno potencializando a inconstância das relações e a inconstância da representação do outro.

A relação com o outro suscita o funcionamento de um impondo sobre o outro, mas num movimento de coexistência o outro e eu se completam de maneira a ampliar e potencializar capacidades para poder permitir novas representações simbólicas referem como a ausência desse contacto com o outro, ou a não permissão e isolamento podem trazer para o indivíduo a dificuldade e incapacidade de criar representações simbólicas, de novos sentidos e novos

significados. No processo de construção de sentido é que a simbolização revela ao outro o pensamento dele próprio (Cunha & Marques, 2009). Com base nos resultados encontrados é possível afirmar que a dimensão do outro como igual não se apresenta suficientemente definido e delimitado, a dimensão do outro diferente, a forma não fica muito clara, ao decorrer das respostas, elas vão perdendo a forma.

O paradoxo da procura e recusa, em que ao mesmo tempo que existe uma procura e uma necessidade de relação com os outro existe uma recusa onde para ela a simpatia está sempre presente, porém o entrar no círculo de confiança, integrar o sistema referem um sentimento de insegurança e hesitação no seu desejo de intersubjetividade na relação com os outros. Esse cenário refere uma falha na relação com objetos precoces como já foi visto anteriormente, mas que estagna a capacidade de processamento das experiencias a nível simbólico onde qualquer relação com o outro que possui uma outra cultura, ou o outro diferente apresenta uma ameaça e um sentimento de inferioridade (Adshead, 2010).

11-Conclusões

O objetivo principal do presente trabalho de investigação foi o de explorar as relações de alteridade em estudantes brasileiros em Portugal averiguarando quais os processos de adaptação de estudantes brasileiros em Portugal.

A infância é caracterizada, pelo próprio, como solitária, revela carência de investimento no e do Outro e a consequente, dificuldade na relação com o Outro. O isolamento e a minimização de afectos são, frequentemente, mobilizados pelo indivíduo que nos remete para mecanismos defensivos de uma lógica narcisica em que perante o emocional surge a importância do Outro e a experiência de vulnerabilidade e possível humilhação.

A relação de alteridade não pode ser resumida as dificuldades precoces, porém é verdade que uma vez que estas relações não tenham sido consistentes, as outras dificilmente serão. O movimento que a estudante coloca para fora, é um movimento de evitamento e isolação, onde o contacto com o outro é marcado pela insegurança e não confiança. A ambivalência em relação ao outro coloca em foco movimentos de exclusão e inadequação.

As situações de racismo e agressividade mostram um movimento de internização das características negativas que lhe são atribuindo, aumentando assim consequentemente a isolação e o medo em relação com o outro.

A principal limitação deste projeto foram as investigações referentes a uma população específica e futuramente seria interessante fazer uma investigação mais alargada sobre a população brasileira em Portugal referente a alteridade.

Com esse trabalho consegui aumentar os meus conhecimentos sobre a alteridade, sobre a imigração e referente as provas projetivas. Foi um desafio uma vez que não possuía uma grande experiência com as provas projetivas e com o assunto, porém foi enriquecedor enquanto futura psicóloga e enquanto pessoa.

12-Referências Bibliográficas

Adrados, I. (1982). Teoria e prática do teste de Rorschach. Brasil: Vozes.

Adshead, G. (2010). Written on the body: Deliberate self-harm as communication, *Psychoanalytic Psychotherapy*, *24*(2), 69-80, DOI: 10.1080/02668731003707501

Albino, S. (2008), *As políticas europeias de investigação e a internacionalização da Universidade de Lisboa* [Tese de Mestrado em Políticas Europeias, Lisboa, Universidade de Lisboa]. http://hdl.handle.net/10451/361

Almeida, L. S. & Nogueira, C. I. F. (2002). Investimento extracurricular e seu impacto diferencial na adaptação e rendimento académico em alunos do ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, *6*(8), 321-328.

Allport, G. W. (1954). The Nature of Prejudice. Cambridge, MA: Addison-Wesley https://faculty.washington.edu/caporaso/courses/203/readings/allport_Nature_of_prejudice.pdf

Alves, E. P. (2013). Estudantes internacionais no ensino superior português: motivações, expectativas, acolhimento e desempenho: o caso dos estudantes angolanos, brasileiros e cabo-verdianos no ISCTE-IUL [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. http://hdl.handle.net/10071/7369

Barreto, R. M. (2017). Contribuições *psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado em psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

Bauman, Z. (2007). Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Bauman, Z. (2013). Danos Colaterais. Rio De Janeiro: Zahar.

Benedito, M. S., Fernandes, M. I. A. (2020). Psicologia e Racismo: Heranças da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*, *40*, 1-16. https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997

Bento, M. A. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. *Psicologia Social do Racismo:* estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. (25-58). Petrópolis: Vozes

Caetano, D. S. C. (2020). A perspetiva dos jovens afrodescendentes do ensino secundário sobre o racismo no sistema educativo português [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. http://hdl.handle.net/10071/22136

Chabert, C. (2000). A psicopatologia à prova no Rorschach. Lisboa: Climepsi (Tradução do original em língua francesa La psychopatologie à l'épreuve du Rorschach. Paris: Dunod, 1998).

Chabert, C. (2003). O Rorschach na clínica do adulto – Interpretação psicanalítica. Lisboa: Climepsi (Tradução do original em lingua francesa Le Rorschach en clinique adulte – Interprétation psychanalytique. Paris: Dunod, 1997).

Chintoan-Uta, B. (2014). *Integração escolar e discriminação de alunos estrangeiros em Portugal e na Roménia, no ensino universitário*. (Dissertação de mestrado não publicada), Universidade Nova de Lisboa.

Corso, D. M. L. (1998). A invenção da criança da psicanálise: de sigmund freud a melanie klein. *Estilos Da Clinica*, *3*(5), 104-114. https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v3i5p104-114

Costa, E. S., & Leal, I. P. (2006). Estratégias de coping em estudantes do Ensino Superior. *Análise Psicológica*, *24*(2), 189-199. https://doi.org/10.14417/ap.163

Costa, E., & Leal, I. (2008, janeiro, 14). *Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior - Avaliar para intervir.* 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. http://www.isabel-leal.com/portals/1/pdfs/7congresso/vii-congresso-saude-pp-213-216.pdf

Cunha, I., & Marques, M. E. (2009). A construção do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Análise Psicológica*, *27*(3), 247-257. http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/208/pdf

Diniz, A. A. (2001). Crenças, escolha de carreira e integração universitária. (Tese de Doutoramento): Universidade do Minho. http://hdl.handle.net/10400.12/1635

Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Edufba.

Filho, J. T. (2005) *Negritude e sofrimento psíquico:* uma leitura psicanalítica. (Tese de Doutorado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Ferraz, M. F., & Pereira, A. S. (2002). Dinâmica da personalidade e do homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 3(2), 149-164. https://scielo.pt/pdf/psd/v3n2/v3n2a04.pdf

Freud, S. (1914/1976). Sobre o narcisismo, uma introdução. *Obras completas*, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

Girardi, J. D. F., & Martinf-Borges, L. (2017). Dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários estrangeiros. *Psico*, *48*(4), 256-263. https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.4.26143

Granado, J. I. F., Santos, A. A., Almeida, L. S., Soares, A. P. & Guisande, M. A. (2005). Integração académica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. *Psicologia e Educação*, *2*(4), 31-41. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12089/1/Granado%2C%20Santos%2C%20Almeida%2C%20Soares%20%26%20Guisande%2C%202005.pdf

Homrich, M. T. (2016). Alteridade e psicanálise: as modalidades de Outro em Lacan. *Barbarói*, (46), 153-165. https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i46.8670

Igue, E. A., Bariani, I. C. D. & Milanesi, P. V. B. (2008). Vivência académica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF*, *2*(13), 155-164. https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200003

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

Koltai, C. (1997). *O estrangeiro: um conceito limite entre psicanalítico e político*. (Tese de Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lima, M.; Vala, J. (2004). "As novas formas de expressão do preconceito e do racismo". *Estudos de Psicologia*, *9*(3), 401-411. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002

Mandelbaum, B. P. H. (2013). Entre o outro e o mesmo: sobre ética e violência nas relações. *Revista Psicologia Política*, *13*(26), 15-23. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7431644

Marques, M. E. (1994). A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) sentido(s) do(s) sentido(s). *Análise Psicológica*, *4*(12):473-479.

Moreira, J. O. (2005). A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano "O mal-estar na civilização". *Estudos de psicologia*, *10*(2), 287-194. https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016

Murray, H. A., & Col. (1988). *Manual TAT, CAT, SAT – Técnicas Proyectivas*, Madrid: TEA Ediciones, 2001.

Oliveira, R. (2018). Frantz Fanon, Psicologia E Psicanálise: Epistemologias Da Violência. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN)*, *10*(24), 40-66.

Pereira, V. S., Pereira, R. A. G., & Paixão, C. J. (2018). Deficiência em perspectiva: relações entre representações sociais e alteridade na comunidade do Jarana no município de Bragança-PA. *DOXA: Revista Brasileira De Psicologia E Educação*, *20*(2), 179–195. https://doi.org/10.30715/doxa.v20i2.12021

Ryan, J. (2013). *Cross-cultural teaching and learning for home and international students: internationalization of pedagogy and curriculum in high education.* Abingdon, Oxon: Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203098035

Salter, P. S., Adams, G. & Perez, M. J. (2018). Racism in the Structure of everyday Worlds: A Cultural-Psychological Perspective. *Association For Psychological Science*, *27*(3), 150-155. DOI: 10.1177/0963721417724239

Santos, M. F. (1999) Representando a alteridade. *Estudos de Psicologia* [online], *4*(2), 375-382. https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200012

Santos, L. & Almeida, L. (1999). Adaptação e rendimento académico: estudo com alunos universitários do primeiro ano. *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, *6*, 73-79.

Santos, J. (2018). Sofrimento Psiquico Gerado Pelas Atrocidades Do Racismo.*Revista Da AssociaçãO Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN), 10*(24), 148-165. http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/578

Santos, J. (2018). Sofrimento Psíquico Gerado Pelas Atrocidades Do Racismo. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (ABPN), 10*(24), 148-165. **https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/578**

Semedo, M. A. (2010), Emoções mistas: integração social e académica dos alunos provenientes dos PALOP. (Dissertação de Mestrado): Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. https://core.ac.uk/download/pdf/48575699.pdf

Schleich, A. L. R., Polydoro, S. A. J. & Santos, A. A. A. (2006). Escala de satisfação com a experiência acadêmica de estudantes do ensino superior. *Avaliação Psicológica*, 5(1) 11-20.

Shentoub, V., & Col. (1999). *Manual de Utilização do TAT*, Lisboa: Climepsi.

Silva, S. I. C. (2013). Saudades de casa e estratégias de adaptação em estudantes em mobilidade internacional: determinantes e consequências (Dissertação de Mestrado): Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/9751

Sousa, D. P., & Silva, R. B. (2018). A questão do estrangeiro na contemporaneidade: Uma leitura a partir de Zygmunt Bauman. *Revista Polis e Psique*, *8*(2), 24-45. https://dx.doi.org/10.22456/2238-152X.77857

Teichler, U. (2004). "The changing debate on internationalization of higher education", *Higher Education*, (Online) 48 (1). http://link.springer.com/article/10.1023/B:HIGH.0000033771.69078.41

Tinto, V. (2006), "Research and practice of student retention: what's next?", *Journal of College Student Retention, 8*(1), 1-19.

Vala, J. , Lopes, D., Lima, M. E & Brito, R. (2002). Cultural differences and heteroethnicization in Portugal: The perceptions of White and Black people. *Portuguese Journal of Social Science*. 1 (2), 111-128. https://doi.org/10.1386/pjss.1.2.111

Vicente, H. P. (2019). Presença e perceções dos profissionais negros nos programas de informação e entretenimento na televisão portuguesa [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. http://hdl.handle.net/10071/19525

Wachelke, J. F. R. & Camargo, B. V. (2007). Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Interamericana de Psicología*, *41*(3), 379-390.

Zornig, S. (2009).Transmissãopsíquica:umaviademãodupla?In:Féres- Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas.* 25-41. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, *42*(2), 453-470. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt.

ANEXOS

Anexo A – Consentimento informado

Consentimento informado

Caro(a) Estudante,

O presente estudo enquadra-se no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde do do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares do Instituto Piaget de Almada (ISEIT-Almada), sob o título de "As Relações de Alteridade em estudantes brasileiros em Portugal", a ser realizada por Juliana Granado Ribeiro, aluna do 2º ano de Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Prof. Doutora Sandra Roberto (email: sandra.roberto@ipiaget.pt), venho por este meio solicitar a colaboração na realização de uma investigação no âmbito da concretização da dissertação.

O presente estudo é de carácter voluntário, sendo garantida a confidencialidade dos dados recolhidos e o uso exclusivo deles para fins académicos e sem individualização. Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco e as informações recolhidas serão efetuadas através de uma entrevista que deverá ser gravada para uma melhor compreensão dos factos e através da aplicação de dois testes psicológicos, Rorschach e Teste de Aperceção Temática (TAT). A não participação no mesmo ou desistência, que pode acontecer em qualquer altura não acarreta quaisquer prejuízos para as pessoas.

Tomei conhecimento de todas as informações prestadas com as quais concordo, aceitando participar livremente no estudo "As Relações de Alteridade em estudantes brasileiros em Portugal".

Assinatura

Juliana Granado Ribeiro

Muito obrigada pela sua colaboração!

Almada, 2022

Anexo B – Respostas TAT

Resultados

Cartão 1 – O menino e o violino

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 50’’

Discurso livre:

“A primeira me vem uma criança que talvez ela não gosta de tocar violino e prefere ficar a dormir, porém seus pais a obrigam estudar as partituras e ela está triste. Ela disse aos pais que não quer continuar, mas os pais continuam a obrigar então ela volta para o quarto e decide que vai estudar e ser o melhor e quando os pais não obrigarem mais ela irá parar e nunca mais irá tocar nisso.”

Inquérito

Como a menina se sentiu com a reação dos pais?

Com raiva, não achou muito justo o que os pais fizeram, mas daí ela usou essa raiva para aprender logo e esperar o dia que ela não precisaria passar mais por isso.

Herói: Menina

Sentimentos/Necessidades do herói: abatimento; necessidade de corresponder às necessidades do ambiente;

Força do Meio: Rejeição; Ambiente difícil com pressão por parte dos pais.

Desfecho: Passivo

Tema: A menina que não queria tocar

Cartão 2 – A estudante no campo

Tempo de reação: 6’’ Tempo de Duração: 56’’

Discurso livre:

“História é uma família, onde a mãe e o pai tem uma fazenda e trabalham todos na fazenda. A filha que tem os livros na mão, sempre quis estudar e ter outra vida, mas nunca chegou a falar com os pais sobre isso. Quando ela cresce, um dia toma coragem e decide contar para os pais

que vai embora para estudar, os pais não apoiam mesmo triste com isso ela decide ir, ela estuda, passa na faculdade e constrói uma vida longe deles, mas acaba a vida feliz."

Inquérito

Em algum momento da vida dela, ela se arrepende da escolha?

Não, ela fica feliz por ter seguido o coração.

Herói: Estudante

Sentimentos/Necessidades do herói: Realização; esforço;

Força do Meio: Falta de apoio; Ambiente difícil com imposição de obstáculos.

Desfecho: Ativo, com superação.

Tema: A menina que segue seu sonho

Cartão 4 – Mulher que retém o homem

Tempo de reação: 10'' Tempo de Duração: 1'10''

Discurso livre:

"Desenhos diferentes, nessa história tem um casal que apresentam expressões muito diferentes, a mulher tenta chamar atenção do marido, tenta buscar um carinho porém o marido não faz questão nem de olhar para mulher, como se o que sentisse o mesmo que ela estava a sentir, ele estava olhando para outra mulher, como estão em um lugar público, a mulher tenta ainda chamar a atenção sutilmente, quando ela percebe que não é recíproco e que ele não vai fornecer o que ela precisa, então ela pega a sua bolsa e vai embora seguir com a vida dela."

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Relações Afetivas estáveis; Pertencimento.

Força do Meio: Falta; Rejeição, desprezo.

Desfecho: Ativo, com superação.

Tema: Término de um relacionamento.

Cartão 5 – A senhora na porta

Tempo de reação: 11’’ Tempo de Duração: 1’

Discurso livre:

“A Senhora esta na cozinha e se assusta com um barulho na casa, ela vive nessa casa sozinha, então fica muita assustada, a procura do que causou a diferença na sua rotina, ela procura na casa toda, até descobrir que não era nada demais e era apenas um gato fofinho que entrou e derrubou um vaso. Não tem nada, parece que ela, mas vejo algo e teve um final feliz e ficou com um gatinho.”

Inquérito

A senhora morava sozinha:

Sim, ela escolheu não fazer família.

Herói: Senhoras

Sentimentos/Necessidades do herói: Segurança; Conhecimento.

Força do Meio: Instabilidade.

Desfecho: Ativo.

Tema: A mulher assutada

Cartão 10 – O abraço

Tempo de reação: 20’’ Tempo de Duração: 1’

Discurso livre:

“Vejo um casal homoafetivo, duas mulheres, que estão se abraçando e dançando, após um jantar, algo que para as duas fugirem da rotina, como os dias estavam muito ocupados, resolveram tirar um tempo para dançar e se abraçar como faziam no início quando estavam juntas.”

Herói:

Sentimentos/Necessidades do herói: Apoio.

Força do Meio: Falta de companhia;

Desfecho: Ativo.

Tema: O problema da rotina.

Cartão 11 – Paisagem primitiva de pedras

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 56’’

Discurso livre:

“**Esse parece com os meus sonhos, é um mundo invertido, um cenário invertido, um** Mundo apocalíptico, um mundo sombrio, em que apenas os animais sobreviveram, e conforme convivem com a natureza, os animais evoluem mais, até chegar o ponto de passarem para uma outra fase, um outro lugar.”

Herói:

Sentimentos/Necessidades do herói:

Força do Meio:

Desfecho:

Tema:

Cartão 14 – Homem na janela

Tempo de reação: 20’’ Tempo de Duração: 1’30’’

Discurso livre:

“Eu vejo uma pessoa madrugada na sua casa e decide abrir a janela para olhar o céu estrelado, fica olhando para o nada, colocando os seus sentimentos em ordem pois precisava decidir muitas coisas, e precisava fazer isso sem ninguém poder interrompê-la. Ela gosta de fazer isso todas as semanas, é um momento em paz só dela. Precisava tomar algumas decisões referentes ao trabalho dela e a os próximos passos da vida dela. Fica algumas horas naquele lugar, relaxando e respirando e depois acaba por ir comer algo de madruga e dormir para amanhã enfrentar o outro dia.”

Inquérito

O personagem era um homem ou uma mulher?

Uma mulher.

O que a mulher decide no fim?

Ela decide se demitir de um dos empregos e só ficar com o outro.

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Conhecimento; Ordem.

Força do Meio: Decisões.

Desfecho: Ativo.

Tema: Decisões na madrugada.

Cartão 15 – No cemitério

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 50’’

Discurso livre:

“Um cemitério, onde um senhor idoso vai visitar a sua amada, e fica lembrando dos momentos felizes que passou com a pessoa, sentindo a falta dela, o senhor sente muitas emoções naquele momento, sorri, chora e pensa em como vai ser sua vida após a morte de sua amada.”

Inquérito

Como termina a vida desse senhor?

Ele continua a ir visitá-la até falecer.

Herói: Senhor idoso

Sentimentos/Necessidades do herói: Afiliação; apoio.

Força do Meio: Falta de companhia; perda.

Desfecho: Passivo.

Tema: A viuvez.

Cartão 16 – Em branco

Tempo de reação: 15’’ Tempo de Duração: 1’05’’

Discurso livre:

“Uma tela em branco é sempre algo construído, é uma história que ainda não foi contada, mas é como se a pessoa segurasse um espelho e que analisa a sua própria historia, como se ela tivesse finalmente a oportunidade de construir e poder escolher para onde a sua história vai e ela planeja a vida esperando que tenho um final feliz uma vez que sua vida familiar já foi muito triste e com tragédias.”

Inquérito

O personagem era um homem ou uma mulher?

Uma mulher.

Como esta história acaba?

Muito bem, acaba com ela conseguindo realizar os sonhos dela e sendo feliz de maneira simples.

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Autonomia.

Força do Meio: Falta de apoio; lar desorientado.

Desfecho: Ativo

Tema: História por escrever.

Cartão 19 – Cabana na neve

Tempo de reação: 7’’ Tempo de Duração: 55’’

Discurso livre:

“Uma casa num vilarejo num lugar mais deserto que esta passando por uma ventania, chuva, relâmpagos e um momento de tempestade, a família dentro da casa sente que tudo está a mexer, ficam apreensivos com essa tempestade e o pai fala que a tempestade vai acabar e que logo o medo iria passar, a família se abraça e espera a tempestade acabar juntos.”

Herói: Pai

Sentimentos/Necessidades do herói: Apoio.

Força do Meio: Perigo Físico através da natureza.

Desfecho: Passivo.

Tema: A tempestado.

Cartão 20 – Só sob a luz

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 50’’

Discurso livre:

“Um homem que esta esperando algo acontecer na vida, pensando na vida, esperando alguém que ele tinha convidado chegar para irem ao bar beber após um dia longo, a pessoa chega ele discute pelo atraso, mas os dois seguem então para o bar para beber e comer alguma coisa.”

Inquérito

Quem seria essa pessoa que ele está à espera?

Seria um amigo, que sempre se atrasa para os compromissos e desmarca em cima da hora.

Herói: Homem

Sentimentos/Necessidades do herói: Afiliação; Apoio.

Força do Meio: Falta de apoio.

Desfecho: Passivo.

Tema: O amigo que sempre atrasa.

Cartão 3GF – A jovem na porta

Tempo de reação: 8’’ Tempo de Duração: 50’’

Discurso livre:

“Uma mulher, perto dos seus trinta anos com um vestido de trabalho fechando a porta do apartamento muito triste e depois vai para o quarto chorar, fecha a porta pois não quer que ninguém vá atrás dela, ela teve uma briga no trabalho com o chefe e não ficou a se sentir bem após a briga, então vai descansar para poder amanhã resolver as coisas com o chefe.”

Inquérito

A mulher mora com quem?

Mora com os filhos e o marido.

Ela consegue resolver a situação com o chefe?

Sim, eles discutem por ela falar que o chefe não a escuta, mas tudo se acerta no fim.

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Apoio; compreensão.

Força do Meio: Deceção; Rejeição.

Desfecho: Ativo.

Tema: Problemas no trabalho.

Cartão 6GF – Mulher surpreendida

Tempo de reação: 6’’ Tempo de Duração: 56’’

Discurso livre:

“Uma mulher e um homem que se conhecem, mas não se veem a muito tempo, em um bar, ele tocou no ombro dela e ela olha para trás e ele começa a conversar com ela, eles trocam informações atualizam os fatos da vida, começam a dançar e se divertir, aproveitam a noite, mas quando o dia chega cada um segue o seu caminho e nunca mais se encontram.”

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Afiliação.

Força do Meio: Sexo;

Desfecho: Ativo.

Tema: Reencontros.

Cartão 7GF – Menina e boneca

Tempo de reação: 8’’ Tempo de Duração: 1’10’’

Discurso livre:

“Uma mãe com o filho, num fim de tarde em que a mãe estava lendo um livro como costumava fazer quando a filha aparece com a boneca querendo atenção da mãe, a mãe coloca a criança no colo para afagar a criança, A filha olha para o lado pois um irmão apareceu, mas a mãe continua a olhar para a criança e a filha ficou feliz por ter toda a atenção que fazia tempo que não tinha.”

Herói: Filha

Sentimentos/Necessidades do herói: Afiliação; Apoio.

Força do Meio: Falta de companhia, receber afeto.

Desfecho: Passivo.

Tema: A atenção da mãe.

Cartão 8GF – Mulher pensativa

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’10’’

Discurso livre:

“Uma mulher, essa mulher que tem uma séria decisão a tomar na vida, por isso ela senta e fica pensando no que fazer, pois, ela tem de decidir entre dois empregos. Ela tem de decidir os próximos passos da vida dela, mas ela não consegue decidir sobre qual trabalho ela quer ficar. Ela faz listas de pros e contras até decidir qual trabalho vai ficar e decide quando vai pedir a demissão do outro trabalho.”

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Dúvida, Responsabilidade

Força do Meio: Responsabilidade

Desfecho: Ativo.

Tema: A vida adulta.

Cartão 9GF – Duas mulheres na praia

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 1’05’’

Discurso livre:

“Aqui são duas mulheres, uma com está muito triste e a outra que está mais acatada, uma da mulheres se afastou para poder ler em paz e ninguém atrapalhar enquanto a outra esta a procura dela pois quer falar com ela urgentemente para fazerem algo juntas, mas mulher se esconde na árvore não querendo ser encontrada pois quer ficar sozinha e não quer fazer o que a amiga quer e fazer e ficou escondida até a amiga desistir e ir embora.”

Herói: Mulher sentada na árvore.

Sentimentos/Necessidades do herói: Autonomia;

Força do Meio: Rejeição.

Desfecho: Ativo.

Tema: A mulher que precisa de espaço.

Cartão 12F – Mulher jovem e velha

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’09’’

Discurso livre:

“Aqui acontece que uma mulher mais velha que para enfrente ao espelho e brincando com a imaginação projeta a sua imagem mais nova, imaginando como era vida quando ela era mais nova, as escolhas que tinha para fazer, analisa os momentos bons e maus, ela lembra dos choros, dos sorrisos e fica feliz por poder ter vivido essa vida, chega a conclusão de que tudo valeu a pena.”

Herói: Mulher mais velha

Sentimentos/Necessidades do herói:

Força do Meio: Apoio; reconhecimento.

Desfecho: Ativo.

Tema: Relembrando a vida.

Cartão 13GF – Mulher na cama

Tempo de reação: 10’’ Tempo de Duração: 1’15’’

Discurso livre:

“Um cenário bem mortífero, onde o marido num ato de raiva, bate e mata a mulher na cama, deixando a mulher jogada na cama nua, o marido para enfrente da cama e começa a coçar os olhos pensando no que tinha feito e depois de uns minutos se arrepende, começa a chorar e tenta pensar em como resolver a situação, mas ele acaba sendo preso pois denunciaram ele para polícia.”

Inquérito

Qual a razão do marido ter ficado com raiva?

Não sei dizer, ele só estava com raiva.

Herói: Marido.

Sentimentos/Necessidades do herói: Agressão; domínio.

Força do Meio: Agressão física e verbal.

Desfecho: Ativo.

Tema: O assassinato da esposa.

Cartão 17GF – A ponte

Tempo de reação: 5’’ Tempo de Duração: 1’10’’

Discurso livre:

“Um local onde no térreo, em que chefe manda os homens estão a trabalhar, e carregar as cargas, os homens não felizes carregam reclamando da situação, enquanto isso na ponte passa

uma mulher, que tem um outro nível social económico que vem lembrar em homens o lugar que eles pertencem, mostrando que ela tem mais benefícios que eles, enquanto acontece um eclipse e depois ela volta para a sua vida e deixa os homens continuarem a trabalhar."

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói:

Força do Meio:

Desfecho:

Tema:

Cartão 18GF – Mulher que estrangula

Tempo de reação: 20'' Tempo de Duração: 1'

Discurso livre:

"Uma mulher daquelas épocas antigas, que abraça outra mulher que está inconsciente, fica muito preocupada com o desmaio dessa amiga, mas sem muitas forças para conseguir ajudá-la, resolve então esperar a amiga voltar ao normal, mas tem medo da reação das pessoas a volta, então vão perto de uma escada para se esconder, até que a amiga melhorou e foram embora."

Herói: Mulher

Sentimentos/Necessidades do herói: Autodefesa, afiliação.

Força do Meio: Sexo; restrição.

Desfecho: Ativo.

Tema: O desmaio da amiga.

Anexo C– Entrevista

“Eu queria que você contasse um pouco da história da sua vida”

Eu nasci no Brasil, morei em Portugal dos 5 anos aos 12 e retornei há quase 3 anos, eu sempre tive muitas memórias daqui quando eu fui para o Brasil após uma situação familiar. A família separou e aconteceu 500 milhões de coisas e nós acabamos por voltar.

Eu fiquei lá parte da minha adolescência e o início da vida adulta, tive complicações em Portugal com a transição na parte do sistema educacional, que que é uma coisa totalmente diferente do que há no Brasil, principalmente porque quando eu cheguei lá é que eu estava no colégio particular aqui em Portugal e eu cheguei lá no colégio público então muita diferença.

Enfim, terminei médio com a cabeça totalmente diferente dos outros porque aqui em Portugal até então nunca tinha tocado no assunto de vestibular, nem assim de exame. Então já cheguei assim quando eu estava todo mundo estudando para fazer uma faculdade e todo mundo já sabe o que queria e eu estava lá sem nem saber o que eu quero, sempre gostei muito da área da saúde então pensei em medicina, mas nem pesquisei muito fundo, o que que era medicina e o que é ser médico. Terminei o ensino médio falei, vou tentar por tentar não levei a tentei me dizer naturalmente, não passei nesse vestibular, fiz o enem sem muita vontade pois nessa época fui diagnosticada com depressão. No último bimestre como eu já tinha passado nas matérias, eu não fui nenhuma aula, eu literalmente liguei aquele botãozinho e falei não quero mais nada disso aqui não fiz mais nada. Então após o resultado, entrei em publicidade e propaganda, fiz um ano e meio e depois de um ano e meio tentaram me matar na faculdade. Uma colega de sala que estávamos ali iniciando uma amizade, ela começou a inventar muita coisa de mim e quando eu fui confrontá-la do porque ela estava fazendo isso, ela puxou uma faca matar e aquela situação toda ficou assim, na minha cabeça meio que virou uma chavinha de Não quero mais ir para essa faculdade e principalmente na cidade.

Eu não tinha aquela vontade de fazer as coisas sabe? E eu passava, passava com notas e tudo, mas eu não tinha que ela está a vocação exatamente não sentia que era para mim.

Eu já conheci a psicologia que quando fui diagnosticada com depressão, eu vi minha mãe também que também tem o mesmo diagnóstico que eu e meu avô também, mas achava que não funcionava, pois, minha mãe fazia tudo que era mandado e ela não melhorava. A minha mãe não melhora, minha mãe toma remédio não melhora e eu fui descobrindo aos poucos que não era bem assim, tinha todo um processo. Realmente eu quero não tenho como fugir, não tem

como ir para outro rumo, eu quero a parte da Saúde. Me inscrevi passei com meu ENEM em psicologia, fiz os primeiros seis meses adaptação e já gostei muito.

Sempre senti a necessidade de voltar para Portugal, por não ter ido por vontade minha. Foi tirada de uma forma violenta, minha história é muito complicada e triste. Quando a situação financeira no Brasil não estava muito boa, tudo que construía era roubado, mesma coisa com o meu noivo quando minha mãe se estabilizou em Portugal e ofereceu para pagar a minha faculdade e então eu e o meu namorado (hoje noivo) viemos para cá.

Conheci ele depois de um ano que eu estava no Brasil, eu e ele eramos muito novinhos, a gente achava que é um namorinho mas ficou sério e estamos juntos até hoje, não queria vir sem ele, eu conversei com ele e ele falou que queria tentar em outro lugar, queria tentar recomeçar do zero para ver se é porque tudo que ele tinha aquele sentimento do tudo que eu faço não dá certo por conta dos outros e ele se sentia nadando mas morrendo na praia. Ele falou vamos começar, vamos para lá sua mãe que já está lá mesmo. A gente tenta fazer nossa vida.

Então comecei a procurar faculdades, e achei o Piaget, que oferece a mesma propina para imigrantes e aluno nacional e outras duas. Então eu decidi o Piaget por dois motivos, primeiro e principal pela propina porque realmente era o que a gente podia pagar na época por conta de ser Imigrante por conta de até hoje na verdade e segundo que eu gosto muito de investigação uma área que eu desde o Brasil tivesse a paixão de amor assim que eu falei em Portugal, eu quero ver se eu consigo aprofundar mais nisso era a investigação e me disseram que o Piaget era muito bom. O processo foi tudo online tudo na internet e vim para cá em dezembro com a possibilidade de estudar logo no segundo semestre e assim que eu cheguei em Portugal em dezembro de 2019, Janeiro tudo fechou por causa do covid então mais uma vez eu vi aquela coisa assim meu deus o que que está acontecendo porque eu já tinha perdido tanto tempo. Perdido 1 ano da minha vida na faculdade de publicidade, e eu ia ter que perder mais no mínimo seis meses e aquilo me deixou extremamente ansiosa e preocupada pois já via minhas amigas do Brasil quase a se formar.

A vida em Portugal sempre foi baseada em ajudar minha mãe na clínica e estudar. Ela é médica dentista e minha vida foi assim.

“Nesse cenário de tantas mudanças, como é que foi a sua infância? Que é que você lembra da sua infância?”

Eu lembro de morar no Brasil e depois mudarmos para cá, meu pai veio primeiro e logo após eu, minha mãe e meu irmão que na época tinha 9 meses, viemos para morar. Meu pai e minha mãe eram um casal em uma relação extremamente tóxica, meu pai bebe muito, muito e agredia a minha mãe minha mãe. Os dois brigavam e resolver na porrada é uma melhor solução. Nessa época minha mãe fez várias tentativas de suicídio, já a encontrei com os pulsos a sangrar. Já separei várias brigas com medo dele matá-la.

Mas tenho algumas memórias boas, quando ele nos levava para acampar, tenho saudades de fazer isso, nunca mais fiz.

Sempre sofri muito bullying na escola, por ter desenvolvido corpo mais cedo, os meninos falavam que eu era 'puta' por ser brasileira, então tentavam passar a mão em mim, até que um dia minha mãe falou para eu me defender, eu bati neles e ele nunca mais fizeram isso. A diretora chamou meus pais, mas minha mãe disse que foi ela que havia falado para eu fazer e que não ia brigar pois tinha sido para se defender.

Nessa época possuíamos uma vida financeira muito boa, era a única brasileira da escola, uma das coisas que eu mais me lembro que me causou desconforto, foi quando eu e um menino africano fomos chamados para uma sala e mostraram a gente para eles, a sensação que dava é que eramos produtos de uma vitrine, enquanto falava sobre outros países e os alunos olhando para a gente.

Então passou, mas hoje é uma coisa que marca aí hoje, eu lembro daquilo ainda hoje. Se fizessem isso com meu filho, eu ia achar muito ruim e provavelmente iria brigar com a professora

"E como ficou a sua relação com os outros estudantes depois desse evento?"

Como não foi na minha sala com os meus colegas de aula foram com outros eu não tenho essa percepção de como que os outros me enviam depois daquilo sabe, mas eu sei que a minha sala já. Eu me lembro de ter isso de me sentir mal com isso, com o meu corpo e nesse ano tive vários episódios de assédios, mas, quando comecei a confrontar e não deixar aquilo eu lembro que deu uma diminuída.

Mas isso também não me impedia de ter um pouco de amizade. Mas ao mesmo tempo era difícil, eu fiz uma festa de aniversário, na época meus pais tinham coisas financeira muito boa, então a gente comprou lembrancinha e monte de presente para cada menina que eu chamei com nome personalizado e aquela coisa toda sim, porque eu ia fazer a festa aniversário. Eu chamei

todas da minha sala todos da minha sala e ninguém foi! Me senti muito mal, eu lembro que eu chorei muito, fiquei muito chateada, fiquei muito chateada mesmo muito louca.

E aí eu me formei no sexto ano e como já disse foi o meus pais não tinham um bom relacionamento e a minha mãe sempre teve altos e baixos, ela não estava preparada para ser mãe, meu pai muito menos. Eles me deixavam muito na mão, nunca apareciam quando eu precisava e na formatura ninguém apareceu

Super confidencial, meu pai foi preso por lavagem de dinheiro aqui em Portugal em 2010 e foi uma estupidez tão grande porque primeiro foi algo totalmente sem necessidade, ele ganhava um monte de dinheiro de forma honesta, não temcomo se justificar, mas o que mais me deixar inconformada é que não tinha necessidade. Foi pura ganância.

"E como você se sentiu com essa situação?"

Foi um baque muito grande, porque eu e meu irmão o vimos sendo preso, me lembro exatamente do dia, como foi terça-feira de manhã, eu tinha prova de língua portuguesa e a gente estava saindo atrasado e quando a gente entrou no carro a polícia apareceu para buscar o meu pai e no momento a babá chamada Regina tirou a gente manda daquela muvuca, eu até hoje falo que quando aquilo aconteceu era como estivesse flutuando, engraçado, né?

eu sentia sem chão e a situação impactou muito a nossa vida, porque a gente teve a polícia congelando os nossos bens, conta bancária e investigaram minha mãe. A minha mãe foi liberada na realmente não sabia o que estava acontecendo porque ele fez ele é muito burro.

Tudo foi muito constrangedor, a gente morava numa aldeia pequena, todos sabiam sobre tudo e aí todo mundo viu todo mundo viu, todo mundo soube sobre o meu pai e meu tio a gente não foi só meu pai foi meu tio também que é irmão do meu pai que também fez a mesma burra empresa dele. A gente não tinha como ficar na casa, meus pais já não moravam na mesma casa, então tive que ir morar com a minha mãe, eu detestava, pois, ela preferia a companhia dos namorados à minha. Em casa meu pai sempre falava que a minha mãe tinha nos abandonado, nos tínhamos feito ela ficar doente e que ela não queria nada com a gente. Um dos momentos bons que eu lembro, foi quando fui para casa da minha madrasta, namorada no meu pai na época, ela comprou um vestido e me levou numa comemoração da escola, foi bom me sentir normal por um tempo, foi um dos poucos momentos de normalidade da minha vida. Depois tive de voltar para casa da minha mãe, minha avó veio para cá passar um tempo, mas ela e minha mãe brigavam o tempo todo. Eu tive de sair da escola particular e ir para uma que eu não gostava. Morar com a minha mãe foi horrível, eu tive de aprender a cozinhar e foi tudo

muito sozinho. Me aproximei da religião, foi o que me manteve viva, o que me confortava e enquanto isso minha mãe lia cartas de tarô e ficava invocando espíritos para me assustar

Então para mim aquilo, eu fiquei desesperada com tudo. Eu não me sentia melhor onde eu estava, eu vivia numa casa diferente, a escola era diferente, saí de um lugar enorme, para um lugar pequeno, meu pai preso, eu o visitava na cadeia e aquilo era muito pesado e juntando com o fato de ter uma mãe doente que fazia coisas que não eram boas.

Tive um problema de saúde onde peguei pneumonia e fiquei um mês sem ir as aulas, então quando eu estava começando a fazer amizades na escola nova, eu fiquei doente e o momento foi quebrado novamente. Foi depois disso que minha mãe disse que íamos mudar para o Brasil.

Na minha cabeça eu achava que tudo iria melhorar, tudo literalmente tudo ia ficar porque eu ia chegar no novo país com novas pessoas e eu ia ter a família. Foi o contrário, cheguei na casa dos meus avós que eram muito restritos, porém minha mãe já estava muito ruim, ela falava que ela não dava conta de cuidar da gente sozinha, foi nessa época que comecei a me mutilar automutilar, foi quando tive umas das primeiras tentativas de suicídio.

Eu não bebia não, fumava não, tinha pavor de ódio de verdade, porque meu pai fazia isso, me levaram no psiquiatra e psicólogo e fui diagnosticada com depressão, comecei tomar o remédio eu me senti pior ainda. Então eu falei não vou tomar remédio.

A igreja foi novamente um refúgio, até minha mãe brigar com todos e ficamos apenas dentro de casa, que tinha regras para tudo, para dormir, comer e até desligavam a internet da tomada a noite. Minha mãe parecia que era uma adolescente novamente. Conheci o meu noivo lá na igreja e começamos a namorar logo depois. Ele me ajudou muito nesse período e estamos juntos até hoje.

Depois de um tempo saímos da casa dos meus avós, quando eu tinha 16 anos meu pai voltou para o Brasil deportado, saiu da prisão do Brasil em poucos meses e agia como se nada tivesse acontecido. Eu não queria ter contato com ele, mas minha família obrigou, ele fingiu que nada aconteceu, meu irmão se deu melhor com o meu pai e foi morar com ele. Quando eu tinha 18 anos, briguei muito feio com a minha mãe e liguei para o meu pai me buscar, quando ele chegou me colocou na frente do carro e me espancou, minha mãe ficou só olhando. Acordei no hospital, com luxação e o rosto inchado. A polícia foi acionada, mas nada foi resolvido. Lembro de estar no meu quarto e chorar a noite inteira e em vez do meu namorado ajudar, ele viajou, até hoje

não consigo perdoar por isso. Depois de um ano do acontecimento, fui atrás do meu pai para ele pagar a minha faculdade, pois era o mínimo depois de tudo que passei por causa dele.

Começo a fazer faculdade, minha mãe resolve voltar a morar com os meus avós, tento sustentar o apartamento, mas quando não consegui tive de ir morar com o meu pai para não morar na rua. Foi muito difícil para mim no início porque eu o via como um agressor e vejo até hoje, eu não consegui dormir direito porque tinha medo dele entrar no quarto, eu não vivia muito bem, durante o dia eu estudava, pela tarde eu trabalhava. Ele trabalhava e nos finais de semana ele ia para chácara, era bom, um certo alívio.

Teve uma vez que ele veio para cima de mim e eu lembro que eu olhei na cara dele, falei pode me espancar, mas me mata, porque se você não me matar eu vou te denunciar, eu não sou igual a minha mãe que apanhava e não te mentis na cadeia. Eu vou ligar para polícia e eu vou te meter na cadeira e ele tinha tanto medo de voltar para cadeia, mas tanto medo que ele nunca mais tentou aproximar de mim de uma forma agressiva.

Toda vez que ele me humilhava em público, eu humilhava ele, até que ele começou a parar. Ele foi percebendo que é comigo isso não funcionava. Comecei a cobrar o mínimo dele, que ele colocasse comida em casa e me desse estudo. Nesse tempo, minha mãe voltou a fazer contato comigo, ela ia em casa, me ajudava com a faxina e esse era o nosso contato. Ela estava melhor, mais estabilizada e depois de um tempo ela mudou para Portugal, e depois me chamou para ir também. Eu falei que só viria com o meu noivo, arrumamos nossas coisas e viemos.

Então como você imaginava a sua vida?

Eu imaginei que aqui eu teria mais oportunidade de crescer, financeiramente e uma melhor oportunidade de trabalho. Então eu imaginava que o estudo é melhor na faculdade, eu achava que eu ia morar com a minha mãe seis meses e eu ia conseguir as minhas coisas com o meu noivo.

Como você achava que seria a relação com a sua mãe?

como eu achava que ela tinha mudado um pouco já e de facto ela realmente ela tinha mudado um pouco, facilitou um pouco. No começo foi muito difícil, muito difícil até com o meu noivo, mas depois ela foi se acostumando com ele e ele a ajudou muito.

A mudança de país por si só já é uma adaptação muito grande e morar junto piora as coisas.

Como é a sua relação sua com como as pessoas à sua volta portugueses os amigos. Como é que isso?

Sempre fui desconfiada. Eu acho que eu sempre fui, mas depois de adulta, é difícil confiar nas pessoas. Eu consigo ser bem simpática e educada com todos a minha volta, mas está te chamar de minha amiga, leva muito tempo,

Para a gente ter algo duradouro leva muito mais tempo, então aqui doi mais difícil, por serem diferentes do que eu estava acostumada, como eu cheguei no inverno, parecia que eu não conseguia fazer amizades, assustei bastante, mas na faculdade encontrei uma amiga que também veio de fora, consegui fazer amizade com ela e aos poucos vou conhecendo as pessoas, conforme foi me sentindo confortável. Mas sou de poucos amigos e mais na minha. E hoje minha vida é mais normal, nada assim de extremo aconteceu o que é ótimo, então até desconfio, penso o que vem agora? A relação com a minha mãe foi melhorando, mas nunca se sabe, são muitos altos e baixos. Acho que é isso.

"Eu quero agradecer a sua participação, nós encerramos aqui essa parte. Muito obrigado pela confiança, tudo vai ficar anônimo tudo e eu te vejo na sexta. Até já"